

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

DE MORAES, Maria Lygia Quartim . Maria Lygia Quartim de Moraes (depoimento, 2019). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 6min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Lygia Quartim de Moraes  
(depoimento, 2019)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** História de vida

**Entrevistador:** Celso Castro;

**Local:** Florianópolis - SC - Brasil;

**Data:** 11/07/2019

**Duração:** 2h 6min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1;

**Temas:** Anistia política; Anos 1960; Anos 1970; Assuntos familiares; Bahia; Brasil; Capitalismo; Casamento; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Chile; Ciências Sociais; Cuba; Direita; Ditadura; Economia; Educação; Família; Feminismo; Formação acadêmica; Formação escolar; França; Gênero; Golpe de 1964; Golpe de estado; Golpe Militar no Chile (1973); História; História do Brasil; História política; Imprensa; Inglaterra; Movimento estudantil; Movimentos sociais; Mulher; Organizações não governamentais; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Pós - graduação; Produção intelectual; Repressão política; Romeu Tuma; São Paulo; Sociedade civil; Sociologia; Tortura; Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho;

## *Sumário*

Entrevista: 11/07/2019 Origem familiar e infância em São Paulo; O irmão João Carlos Kfourti Quartim de Moraes e formação escolar; Primeiro contato com ciências sociais e o namoro com Norberto Nehring; Nascimento de Marta Nehring e a graduação na Universidade de São Paulo (USP) em ciências sociais; Primeiros anos do Golpe Militar de 1964; Relação de Norberto com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e relação de João com a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR); Prisão de Norberto; Queda da VPR e o anúncio nos jornais; Ida para Cuba em 1969; Ida para França, reencontro com o irmão João e a notícia da morte de Norberto; Família de Norberto e os impactos de sua morte em sua vida pessoal como mãe; Experiência na Inglaterra, experiência em Paris e ida para o Chile; Entrada na Escuela de Estudios Económicos Latinoamericanos (Escolatina), reflexões sobre a luta armada e golpes; O Golpe de Estado no Chile em 1973 e a volta para França; Torturas de mulheres na ditadura militar brasileira e opinião do Governo Bolsonaro sobre a ditadura militar; Doutorado em economia, volta para o Brasil em 1975 e publicações sobre feminismo no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap); Relação com o feminismo e o início do movimento feminista no Brasil; Trajetória acadêmica, relação com a USP, o trabalho no Cebrap; Economia, educação e sociedade durante a ditadura; Violência no Brasil atual, atuação das milícias e perspectivas para o futuro do Brasil; Surgimento das Organizações Não Governamentais (ONG's), despolitização das lutas sociais e as mudanças no feminismo; Entrada na universidade por influencia do irmão e ida para Salvador – BA; Volta para São Paulo como professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Araraquara e ida para Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); O período da anistia em 1996 e o evento sobre mortes e desaparecidos políticos; O livro Marighella, a relação com Mário Magalhães e a figura de Romeu Tuma; Estudos no campo da sociologia, o trabalho com o arquivo do Tortura Nunca Mais e com a Comissão da Verdade; Campo de estudos atual sobre feminismo; Obras e autores marcantes; Figura e estudos de Simone de Beauvoir; Estudo de gênero na sociologia e os estudos de Judith Butler sobre a Teoria Queer; Relação entre homens e mulheres na sociedade atualmente; Os recuos da história e o crescimento da direita política.

*Entrevista: 11/07/2019*

Celso Castro – Bom, Maria Lygia, em primeiro lugar, queria agradecer a tua disponibilidade em colaborar com o projeto, que já tem... Você é a 98ª entrevistada do Brasil.

Maria Lygia Quartim de Moraes – Eu tenho usado...

C.C. – É?

M.M. – Eu uso muito o material do CPDOC. Eu sou interessada...

C.C. – Eu estava no grupo de sociologia da sociologia, que eu nunca participei, porque não é meu tema de pesquisa. Eu estudo militares, outra coisa. Mas eu vim falar sobre o projeto, e todo o pessoal era usuário. Foram muito simpáticos.

M.M. – Eu uso muito.

C.C. – Foram muito simpáticos com o projeto, porque usam muito. Mas a ideia é isso: um acervo público. Não é para a minha pesquisa nem para a delas, mas é muito dentro da tradição do CPDOC até, de ter acervo sobre cientistas sociais. Já tem quase cem. Então é uma fonte, eu acho...

M.M. – Importante.

C.C. – ...importante. Mas eu gostaria de começar perguntando... pedindo que você falasse um pouco sobre a tua família, as tuas origens, a infância, até antes ainda da universidade.

M.M. – Eu tive uma primeira infância que não foi tão... Foi mais tensa. Porque... Eu digo isso entre os 5 e os 7 anos, que foi o período em que meus pais, para poder construir uma casa, eles meio que ficaram morando na casa de parentes. Para criança, isso é muito pesado. Por isso que eu digo: essa coisa de dizer que a infância é maravilhosa, depende. Em compensação, em 1950, a gente mudou para uma área nova de São Paulo, que era o Itaim, que ainda tinha meio chácaras,

então, era um espaço incrível! Nossa rua não tinha calçamento. E eu tenho dois irmãos, e só tinha... Era uma família... Eu era a única mulher, porque eu tinha dois irmãos e quilos de primos.

C.C. – Os irmãos são o João...?

M.M. – É o João e o outro mais moço, que morreu, o Carlos Eduardo.

C.C. – Qual é o nome dele?

M.M. – Carlos Eduardo.

C.C. – Mas e teus pais? O que o teu pai fazia?

M.M. – Meu pai era um homem muito inteligente, mas sem uma... Tinha feito um pouco de direito... Tinha feito, não. Ele se formou em direito e nunca tentou... seguiu a profissão. Andava num ambiente intelectual, mas eram aqueles intelectuais que ainda... ou tinham alguma... Enfim, em geral, eles viviam de herança, ainda – famílias de 400 anos, que tinham uma coisa...

C.C. – Ele vivia de herança?

M.M. – E meu pai, não.

C.C. – E ele trabalhava com o quê?

M.M. – Então, ele fazia... É uma longa trajetória. Eu me lembro que ele trabalhou como diretor de uma empresa de tecidos; depois, ultimamente, trabalhou muito tempo com um grande amigo dele, que era o Alfredo Mathias, e, finalmente, ele foi trabalhar... O melhor período da vida dele, que ele ficou muito feliz, foi quando, em 1972, o Montoro foi eleito e meu pai foi trabalhar no Cepam. E as coisas aconteciam. Ele era até... O apelido dele era até Kid Abelha, porque ele era a pessoa que propagava o programa de mel. O Montoro tinha uma coisa muito interessante,

que era essa ideia de que se... das hortas nas comunidades. Foi um período maravilhoso! A gente achava que aquilo era o começo, e foi aquilo e acabou.

C.C. – Qual era o nome do seu pai?

M.M. – Meu pai era Neddy, N-E-D-D-Y, o que dava muita confusão. Porque minha avó... Era um apelido que ela viu em um livro qualquer, e aí mandavam lá para casa: senhora Neide. Ele devia ter um problema de identidade de gênero. E a minha mãe...

C.C. – E sua mãe, qual era o nome dela?

M.M. – Minha mãe era Lygia. Por isso que eu fiquei Maria Lygia, era mania isso. Minha mãe era, digamos, filha de uma... Minha avó materna era... Minha bisavó era portuguesa, minha avó era filha de portugueses, [inaudível] luso-brasileiro, e casou-se com libanês, Salomão Kfourri. Mas meu avô, o Salomão Kfourri, era dos...

C.C. – É da família do Juca Kfourri.

M.M. – É. Sou prima do Juca Kfourri.

C.C. – Sim.

M.M. – Aliás, o Juca é meu primo, porque eu nasci primeiro. Eu amo o Juca. Depois a gente fala do Juca.

C.C. – Ele me entrevistou uma vez, quando fiz o livro-entrevista com o Geisel. Foi a melhor entrevista que eu tive na vida.

M.M. – Ah, bom!

C.C. – Sempre lhe falei isso.

M.M. – E meu avô era do... veio imigrado. Até a minha neta esteve agora na região da... no Líbano, onde ele e muitos outros saíram, que é Zahle. Eu quero visitar. Dizem que é um lugar interessantíssimo – tem a avenida Brasil e tal. De onde saiu grande parte do... Naquela época que a Síria, o Líbano eram dominados pelo Império Otomano. Aí os europeus chegaram...

C.C. – Chamavam de turcos.

M.M. – Os árabes chegavam com o passaporte otomano e eram chamados de turcos. Está cheio de turco. Não tinha turco nenhum; era tudo árabe. Então, meu avô era uma pessoa que, digamos, não transmitiu nada para os... O que é uma lástima, eu acho. **[Inaudível Fora mais?]** as irmãs dele, porque... Outros parentes de outros lados é que eu... convivi mais com o lado árabe. Mas muito pouco.

C.C. – Mas sua mãe trabalhava ou era do lar, como se dizia?

M.M. – Minha mãe chegou a fazer universidade, mas...

C.C. – Em que curso?

M.M. – Ela fez Serviço Social. A irmã dela tinha feito antes, a minha tia, que **[inaudível]**, dona Nadir Kfourri. E aquilo era um matriarcado. A nossa família sempre foi um matriarcado. Tem uma coisa muito forte das mulheres. A Nadir tinha uma presença muito forte. E a minha mãe e os irmãos da minha mãe e... Meu pai, digamos, ele foi capturado. Ele adorava minhas tias; gostava muito do pai do Juca, o Carlos... Então, tinha... Era uma família muito unida, muito unida. Então, eu convivi sempre... Sei lá, acho que tinha uns dois dias por semana que a gente estava com os meus avós, com os primos, com meus tios, com minhas tias. Depois, a partir dos meus pais, que foram para o Itaim em 1950, todo o resto foi chegando. Então, por exemplo, o pai do Juca era promotor e, quando foi, acho que em 1950 e poucos, ele foi... ele terminou o périplo anterior e foi para São Paulo. O Juca era pequenininho. O Juca, eu vi, ao longo da minha vida, todos os dias, praticamente. E ele faz parte dos primos... Só nascia homem. Então, a minha situação de mulher era privilegiada. Eu tenho uma... É isso que eu estou dizendo, é aquilo que a Simone de Beauvoir fala: nós existimos, mas existimos em situações. E a minha situação,

naquele momento, na família, era uma situação... É claro que todo mundo adorava o João – a coisa do primeiro filho homem – jogaram mil projetos no João, ia ser isso, ia ser aquilo –, mas eu tinha um espaço, também. E como a minha tia era uma intelectual, como a minha mãe e a irmã dela [**inaudível**], então, era um ambiente intelectualizado de vários lados. Agora, eu cresci... Além do mais, como meu irmão estava sendo destinado a grandes... [Como] meu pai tinha a fantasia que ele ia ser diplomata, meu pai investia muito na coisa intelectual do meu irmão. E eu tomei carona. Então, o que aconteceu? Por exemplo... Isso foi importantíssimo. O João adorava ler, e tinha desde livros de Karl May, Jules Verne até a história do mundo. E eu lia as minhas coisas e as deles, também. Eu sempre fui uma... Em casa, se lia muito. Não tinha televisão, naquela época, então, se lia. A gente lia. Dava presente de livro. Lia.

C.C. – Conversava e lia.

M.M. – É, conversava, lia. Bom, aí, chegando no Itaim, começou a minha vida boa, porque... Toda a minha fantasia era ter prima, irmã, qualquer coisa, e aí duas famílias muito próximas, que eu chamava de tios, moraram lá também. Duas das meninas, que tinham minha idade... Nós três fomos para a escola juntas. E ainda tive a delícia de... Como nós chegamos no meio do ano, ainda perdi meio ano.

C.C. – Em que escola vocês estudaram?

M.M. – O que era mais perto de casa era o Sacré-Coeur de Marie. Então, nós todas estudamos no Sacré-Coeur de Marie. Eu estudei a vida inteira no Sacré-Coeur de Marie e saí do Sacré-Coeur de Marie e fui estudar Ciências Sociais...

C.C. – E era uma moça bem-comportada, então?

M.M. – Não. Eu era expulsa, invariavelmente. Mas eu era excelente aluna.

C.C. – Mas expulsa por quê?

M.M. – Mau comportamento. Você perguntou se eu era bem-comportada. Não era.



C.C. – O título do livro...

M.M. – Não. Eu era... Mas também, se você visse o que era aquele rigor...

C.C. – Isso era o quê? Anos 1950?

M.M. – É. Bom, então, eu cresci com... O João sempre tinha amigos em casa. E o João tinha uma coisa... muito inteligente e carismático, então, sempre era... Ele teve várias turmas. Por exemplo, teve a época do Jorge Mautner, com o Aguilar e tal. Então, foram anos. Tanto é que, se você pegar os primeiros livros de Mautner, nós somos os personagens, com nome e sobrenome. O João é o vereador do *Kaos*. Depois teve a fase do Piva, que era o desespero – Roberto Piva, o poeta, nietzschiano, aquela coisa e tal. Foram várias fases. E aí o João entrou... Meu pai queria que ele fizesse de qualquer jeito Direito; ele entrou no Direito e, no ano seguinte – ele adorava filosofia –, ele entrou na Faculdade de Filosofia. E aí o que aconteceu? Ele começou a... Eles criaram um grupo para ler *O capital*. Tinha tido o primeiro grupo de *O capital*; fizeram um segundo grupo de leitura de *O capital*, lá em casa. Ah! Eu me lembro... O Roberto Schwarz tinha chegado a ir de vez em quando; a Célia Quirino... Quem mais que estava? A Célia; acho que a Carmute, a Maria do Carmo Campello de Souza... Como é que ele chamava? Daqui a pouco eu lembro os nomes. Mas era uma turma pequena. Eu ficava de orelhada. E aí eu queria fazer faculdade, mas eu não sabia o quê, não tinha muito... e meu irmão falou: “Olha, tem uma faculdade nova que inventaram, chamada Ciências Sociais. Ela é ótima, tem um pouco de tudo, tem economia, que você gosta; antropologia; isso e aquilo”. Eu falei: “Bom, é uma boa ideia”. Ao mesmo tempo, eu namorava um amigo de infância, que era o maior amigo do João. Deixa eu dizer: à hora que a gente começou a namorar, o João já não ficou tão amigo. Irmão é ciumento. Mas era um amigo de infância, chamado Norberto Nehring, que morava perto. E o Norberto era órfão de pai, então, ele fez um curso que chamavam de... aqueles cursos meio técnicos, no Mackenzie. E até é uma coincidência: ele foi colega da Fátima Jordão e da Clarice Herzog. Era um trio. E o Norberto começou a trabalhar, mas queria fazer faculdade. Então eu me lembro que, no terceiro clássico, à noite, eu fazia as minhas lições... Ele trabalhava de dia e à noite ia lá para casa e ficava se preparando para fazer...

C.C. – Mas aí vocês já namoravam?

M.M. – Já. A gente começou a namorar em... É toda uma história, mas eu estou encurtando um pouco. São 76 anos. Então, a gente namorava... [**Já estou perto**]<sup>1</sup> do casamento. E aí tinha de dar certo: nós tínhamos os dois de entrar no noturno, porque eu queria trabalhar também, e tinha de ser ele na economia e eu nas ciências sociais. Há que se dizer que, naquela altura, a economia da USP ficava na rua Vila Nova e eu ficava na Maria Antonia, então, era ao lado, em Higienópolis. O que não estava previsto foi que eu engravidei.

C.C. – No primeiro ano?

M.M. – No primeiro ano. Não era nem que a gente tivesse... A gente se relacionava antes, mas a gente tomava mais cuidado. Acho que houve um certo descuido.

C.C. – Vocês entraram em 1963?

M.M. – Em 1963.

C.C. – E você ficou grávida em 1963?

M.M. – É. Aí foi... A gente queria ter filho, mas não naquele estado em que... Metade do que ele ganhava era para pagar o aluguel. Aí teve o apoio da família, é evidente. Foi... A Marta ficava com o Juca. Ah! Bom... O Juca e o Norberto se amavam, eu sempre amei o Juca também, mas o Juca tinha só 14 anos. Então, a gente tinha de esperar ele fazer aniversário, fazer os 14 anos<sup>2</sup>, para poder ser o padrinho da Marta. Ele é o padrinho da minha única filha, da Marta. E aí, como não tinha o esquema de empregada, quando eu ia comer, ele ficava lá. Foi ótimo, porque as tias eram disponíveis, tinha... Não houve nenhum problema, desse ponto de vista.

C.C. – E a Marta nasceu em...?

---

<sup>1</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.

<sup>2</sup> Talvez, confundindo-se com a idade.

M.M. – Em 1964. A Marta nasceu ainda na liberdade, nasceu em maio. Quando foi o golpe...

C.C. – Não, em maio...

M.M. – Ela nasceu em fevereiro. Em maio foi... Perdão. Janeiro. Nasceu em 20 de janeiro. E quando foi o golpe, que foi em março, ela... Em 31 de abril, ela... Porque, no final de março, eu ainda estava numa assembleia na Maria Antonia.

C.C. – Mas a gravidez...?

M.M. – Foi no primeiro ano de faculdade.

C.C. – Foi no primeiro ano. E ela ter nascido atrapalhou o curso? Ou não?

M.M. – Eu estudava à noite. Primeiro, é difícil imaginar que... Naquela altura, as Ciências Sociais, noturno, tinham 300 candidatos para 30 vagas. Olha que... Foi uma coisa... Era muito... Então, não foi fácil entrar. É verdade que tinham pessoas que estavam fazendo uma segunda faculdade. Àquela altura podia, você podia fazer duas faculdades da USP. O João fazia USP Direito e USP Filosofia. O Aloysio Nunes Ferreira, o João Manuel, eles também faziam algumas matérias lá nas Ciências Sociais e estavam fazendo Economia. Não, perdão, estavam fazendo Direito. Bom, acontece que... Mil novecentos e sessenta e quatro foi caótico, porque a polícia invadiu a Maria Antonia...

C.C. – Quer dizer, quando teve o golpe, você estava de maternidade...

M.M. – Eu estava amamentando.

C.C. – Mas assistia aula? Ou você parou a universidade?

M.M. – Não, eu não parei. Imagine! Eu dava de mamar, saía correndo, tinha aula e voltava correndo. Naquela época, não tinha... Hoje em dia tem mais facilidade para tirar leite. Eu amamentei a Marta, então, era um corre-corre. Mas era à noite, que era o meu... Eu estudava à

noite. Então, por exemplo... Quando foi o segundo ano, que era o ano da estatística e tinha que chegar mais cedo, eu não fiz, eu fiz depois. Eu fui, mas fiz em quatro anos. Fiz em quatro anos, e aí... Bom, aí você conhece a história. A primeira fase da ditadura pegou todo mundo de surpresa. Eles criaram... Tinha um... Eu até gaguejo. Eles montaram um IPM, que era o Inquérito Policial Militar, dentro da Maria Antonia. A gente entrava e estava a milicada lá instalada. E tinha outro problema agravante, porque, no noturno, em frente da gente, no Mackenzie, estudavam os fascistas, inclusive o famoso Raul Careca, que era um canalha, um cara complexado, horrendinho, delegado, mas torturador. A gente se encontrava no café, que era do nosso lado, e havia aquela... O sujeito era provocador, uma figura horrorosa. Mas as tensões, até lá... Porque a gente estava na retranca, como se diz. Quando começou a haver uma reação... Eu acho que é um pouco que nem agora, o que está acontecendo: as pessoas ficaram muito assustadas. É claro que as condições são outras. Aqui foi pelo voto. É pior, num certo sentido. Agora, as pessoas ficaram muito assustadas, porque o discurso... E é mesmo. O cara está permanentemente em guerra. Isso não é um presidente do Brasil; isso é uma figura em permanente campanha de raiva, de violência, de ficar apontando.

C.C. – Em abril, teve o tuíte sobre filosofia e sociologia.

M.M. – É. Ele adora! Pode imaginar, não é?! Tem aí o Olavo de Carvalho que nos odeia, então, também ajuda. Mas, enfim... E houve um primeiro momento de... muita gente foi presa – as lideranças, principalmente –, depois teve... Eu perdi meus professores: o Fernando Henrique foi embora... O Fernando foi meu professor no primeiro ano. O Fernando foi para o Chile. Teve um remanejamento lá. E o segundo ano, então, foi muito prejudicado por esse clima; não foi um...

C.C. – Mas você estava filiada ao PCB já?

M.M. – Quem? Eu?

C.C. – É.

M.M. – Então. O Norberto foi primeiro, entrou no PCB, e eu também entrei. O PCB estava quase na legalidade. A gente estava fazendo até campanha de assinatura. Mas foi muito engraçado, como eu entrei. Evidentemente, em um colégio de freiras... E meus pais não eram... Longe de serem de esquerda. Eles nos apoiaram depois, mas não era a cabeça deles. E aí eu perguntei para uma menina lá como é... que eu queria... Falei... Eu percebi que ela era de esquerda, eu falei: “Vem cá, eu estava pensando em entrar no PC e tal”. Ela falou: “Tem dois”. Eu falei: “Como assim?! Dois PCs?!”. Ela falou: “É, tem o PCB e tem o PC...”. Eu falei: “Qual que é o do Prestes?”. Ela falou: “É o que eu estou”. Eu falei: “Ah, então, é esse que eu quero”. Então entrei. Mas foi muita decepção com a forma com que o PCB lidou...

C.C. – Aí você saiu?

M.M. – E até por conta da amamentação e tal, eu não tinha muito tempo para a militância. O Norberto continuou. Então, como é que foi a trajetória? Eu saí do PCB, me desliguei – não tinha nada formal –, e o Norberto continuou e o Norberto seguiu o grupo do Marighella. Então, o Norberto fez parte daquele... acho que era Agrupamento dos Comunistas<sup>3</sup>, que seguiu... aderiu à luta armada. Isso do meu lado e do lado do Norberto. Do lado do João, o João, meu irmão, tinha recebido uma bolsa para fazer o doutorado na França e voltou para o Brasil... E, na França, ele entrou em contato com ex-militares... enfim, com as pessoas que estavam também já se organizando. Mas o João entrou numa outra organização, que chamava-se VPR – Vanguarda Popular Revolucionária. Estava cada um na sua organização. E meu pai e minha mãe, coitados... Realmente caiu o teto, um belo dia. Bom, então... Agora, o terrível é que você vai percebendo que o... Porque começa aos poucos, não é? Em 1966, tem toda a retomada da coisa cultural, uma coisa maravilhosa; em 1968, a gente toma a faculdade...

C.C. – Tem grandes manifestações, comícios...

M.M. – É. Mas no dia que eles mataram aquele estudante, o Edson, e a polícia, junto com o Mackenzie, jogando bomba para cima da gente... Nós estávamos... Era um problema geográfico: eles na altura e nós aqui embaixo. E aí foi um bombeiro que chamamos... que foi

---

<sup>3</sup> Refere-se ao Agrupamento Comunista de São Paulo.

chamado, chamou-se, para... Afinal de contas, a USP é um edifício público, e esse bombeiro falou para nós... A gente não conseguia ir embora, a gente estava... Deu um desespero, uma tristeza, ver aquilo pegando fogo. E aí ele falou: “Olha, vocês vão embora, porque a polícia vai invadir isso, a polícia está lá com eles também. Vão embora”.

C.C. – Maria Lygia, só... Você já deu várias entrevistas contando da história toda do Norberto, mas eu queria te perguntar da tua percepção, o que você... Tentando voltar no tempo. Você falou que, com o golpe, teve um susto parecido com o que aconteceu agora. Mas, em 1966, em 1967, em 1968, você tem um movimento estudantil muito vivo e passeatas e tal; [**tinha?** gente com a percepção de que a ditadura estava com os dias contados. Ou não? Como é que você percebeu?

M.M. – Eu nunca tive isso.

C.C. – Você nunca teve isso de achar que era...?

M.M. – Não. E mais: eu achei que a gente ia se arrebotar. Não só isso. Eu me lembro perfeitamente bem... Porque começou a coisa do cerco. Houve uma queda, alguém... Tinha um infiltrado, que tinha a chapa do carro do Norberto, que deu... Então, foi chegando. Mas o Norberto era professor... Era um outro tempo. Era o DOPS que fazia isso. O Norberto era professor universitário, tinha casa, carro...

C.C. – Era uma elite, também.

M.M. – Era uma elite. Os caras bateram na porta, quando foram prender ele. Não foi assim... Eu ainda exigi do delegado que se...

C.C. – Que se identificasse.

M.M. – ...que se identificasse e tal, depois o cara já chegava e... [riso] Tem uma cena que eu nunca hei de esquecer. Dos amigos, havia um, chamado Sebastião, que era um... Ele era nordestino e casado com a Danielle Ardaillon, que acabou sendo anos secretária do Fernando

Henrique. Eles recebiam muito bem, e eles deram uma festa de réveillon, em 1968 para 1969, e eu fui convidada e eu fui à festa, mas antes eu passei na casa dos meus pais, que iam ficar com a Marta, para inclusive desejar... E encontrei o João. E o João depois falou: “Aquele dia, nós dois sabíamos que estava por pouco”. A VPR já tinha caído um tanto... Tinha tido aquele excesso de tirar as armas e tal. E foi interessante, porque nós dois tivemos a percepção... Eu falei: “Com certeza”. Eu não achava, não. Eu sentia aquilo como o baile do... E todo mundo... Nossa! Quem estava lá? A Ana, o Fernando... Enfim, todo o pessoal que depois desapareceu. Esse réveillon, no dia 31, e no dia 8 ou 9 de janeiro, a polícia prende o Norberto. Então, você vê que... Eu tinha uma profunda angústia, na verdade. Eu estava muito... Ele também. A gente estava muito angustiado. Porque também você não sabia o que fazer.

C.C. – E vocês fogem quando? Vocês vão para Cuba...?

M.M. – Agora, repara só o seguinte: até 1968, eu era bolsista da Fapesp, eu era professora voluntária de política, Fernando Henrique era o meu orientador, nós entramos com um projeto na Fapesp, para continuidade. E aí vem o ato, o Fernando é cassado, o presidente da Fapesp é cassado... Quer dizer, aí já foi o primeiro sinal. O Ato Institucional...

C.C. – [O sinal] que tinha mudado.

M.M. – Não, aquilo foi claro. E quando o Norberto foi preso e que depois os caras soltaram... Porque eles faziam um pouco isso, para [ir vendo]. E o Norberto fugiu. Mas a gente dizia que não sabíamos onde o Norberto estava, que nós também não sabíamos, não tínhamos nada a ver com isso, ele fugiu. Aí os delegados falavam assim para mim – era o Orlando e o Valdir Simonetti –, que aliás era um cara decente, “O que você acha de a gente pôr uma notícia no jornal?” Eu falei: “Eles vão começar a fazer isso”.

C.C. – Para te seguir.

M.M. – E, de fato... “Terroristas. Não pode...” De fato, um belo dia... Bom, aí cai a VPR. Quando caiu a VPR, o que aconteceu? Foi a primeira leva dos nomes. Estava o Aloysio Nunes Ferreira, o João... um quilo de gente, como... “Esses aqui são assassinos terroristas de pais de

família.” Eu me lembro da cara do meu pai chegando com o jornal embaixo do braço, com a morte no anúncio... no rosto, desesperado. E eu me lembro do irmão mais moço do meu pai, que era um tio maravilhoso, que ligou, dizendo: “Olha, quero que você diga para o seu pai que eu estou muito orgulhoso do meu sobrinho”. Essas coisas assim pesavam. Mas nem todo mundo estava muito orgulhoso. Bom, daí começa a cercar. Porque, se você dá acolhida, está lá a cara dos caras. Para os meus pais, deve ter sido horrível, porque eu saí do Brasil, mas eles vieram aqui nos... anos vendo aquilo nos cinemas, em toda parte. Bom, o Norberto tinha de passar para a ilegalidade, então, ele ia para Cuba. Ele foi primeiro. A gente foi separado. Ele foi em abril e eu só fui em... Eu demorei. Eu refleti, você entende? Porque eu não ia separar da minha filha. E aí é a opção. À hora que você sai... E eu queria sair legal; eu não queria... Eu não tenho nenhuma vocação para guerrilheira. Nenhuma. Ajudei, mas, assim, não é o meu barato. Eu não tinha nenhuma fantasia; eu achava essa coisa de guerrilha no mato... Eu sabia o que era isso, era mosquito, era viver... Não tinha nenhuma fantasia. Nunca tive nenhuma fantasia com respeito a...

C.C. – Romântica.

M.M. – Não, nunca romantizei. Eu sempre fui muito terra a terra. Eu sou taurina, muito terra a terra. E aí fui para Cuba.

C.C. – Mas aí você sai em 1969.

M.M. – Saí em julho de 1969.

C.C. – E encontrou o Norberto lá.

M.M. – É. O Norberto estava treinando; a gente... Mas, enfim... E eu fiquei morando num hotel. É muito engraçado porque eu fui, ficava o tempo todo querendo... sei lá, ficar numa casa ou alguma coisa assim, e naquele hotel. Aí eu falei para... “Puxa! Mas é o destino de classe, não é? Estou eu aqui no hotel”, que era o Hotel Hilton, o Habana Libre, “comendo em talher de prata! Isso é um carma de...”. [Foi] bom por causa da Marta, porque a vida é muito difícil em Cuba, para você... a coisa de alimentação... Não era fácil.



C.C. – Mas, em Cuba, como é que foi a vida lá?

M.M. – Isso que eu estou dizendo, eu sou extremamente grata aos cubanos, porque eu fiquei o tempo todo num hotel de frente para o mar.

C.C. – Mas você não convivia com outras pessoas de outros lugares?

M.M. – Eu convivia com outras pessoas, mas eu tinha uma... Aí que estão as coisas. Você chega, você tem uma... Aí vêm aquelas coisas que é de rir. É um pouco assim... É tão engraçado! Já começou na Checoslováquia. Não, já começou em... O esquema era pela Itália: você ia na embaixada cubana da Itália e levava a metade... Tinha uma coisa qualquer. Eu já não tinha... Eu não levei nada, mas... Cheguei, não teve problema. Aí a Marta estava com coqueluche. Ainda tive de esperar um pouco a Marta passar da coqueluche. Você ia para a Checoslováquia, e da Checoslováquia para Cuba... Aí eu vi como o mundo socialista era tratado. Então, o que aconteceu? Primeiro que a gente não ia com documento. Eu deixei... Não sei se ficou lá na Checoslováquia... Não sei. Mas eu deixei meu passaporte e o da Marta e eles fizeram um documento cubano. E aí já é a primeira piada. Eram sempre os mesmos dois. Eram duas pessoas, para cuidar de centenas, porque era brasileiro, era... tinha muito argentino, tinha uruguaio, tinha todos os latinos. Aí eu vou lá, tinha uma fotografia minha e tal, ele me deu, e quando eu fui ver o passaporte, eu falei: “Mas por que ele não deixou eu preencher? Ele pôs que eu tenho 1,56 m. Eu tenho de entrar assim, no Canadá. Como assim?! Eu tenho...”. Aí tinha um nome, Lídia Costa, para não ficar muito diferente do meu nome, por conta da Marta. E a Marta era Marta qualquer... da Costa Rivero. Aí, quando você vai viajar... Porque o avião não tinha muita...

C.C. – Autonomia.

M.M. – ...autonomia. Primeiro, paramos na Irlanda. Tudo bem. Depois, foi um voo mais longo, a gente parou no Canadá. Eu jurei que eu nunca... Depois eu acabei pisando. [Jurei] que eu nunca mais pisaria naquele país miserável, nojento. Porque à hora que você chegava no Canadá, você... Aquilo era um voo de... Era para parar para abastecer. Os caras te fotografavam, te

davam uma prensa e depois te deixavam isolado num lugar. Eu tinha dólar, eu queria comprar alguma coisa para a Marta. Te deixavam num lugar, como a peste. Isso era o Canadá, a democracia canadense. Bom, aí chegamos em Cuba. Chegamos em Cuba e eu... E aí é a piada, começa a brincadeira, porque é assim: os brasileiros passavam por portugueses; os uruguaios, por argentinos; os argentinos... Então era tudo trocado. Quando o cara falava “sou venezuelano”, você dizia: “Ah, ele é colombiano!”. “Eu sou uruguaio” “Ah, ele é argentino.” E a gente era português. É ridículo, entendeu? Então, eu me lembro assim, eu entrando... Ah! E a gente ficava num andar único.

C.C. – Os latinos ou os portugueses entre aspas?

M.M. – Todos. Português, só tinha eu que ficava lá no hotel. O pessoal que treinava não ficava; tinha casa. Eu era uma situação excepcional, porque fui com minha filha, ela tinha 5 anos...

C.C. – Mas, vamos dizer, misturava, na convivência, os latino-americanos...?

M.M. – Misturava com todo mundo. Era muito divertido, porque era um outro mundo. Porque a gente acabou morando lá. Eu tinha amiga búlgara... A única americana... Acho que o único casal americano comunista do mundo estava lá, [inaudível], que era... tinha uns franceses que iam e voltavam, da IBM, uma gente simpaticíssima; e tinha os uruguaios; tinha... Minha maior amiga... É bonita essa história. Minha maior amiga é uma uruguaia. Ficou minha... Enfim, naquele período. Porque eu estava entrando no quarto e chega o marido dela, o Felix, e fala: “Ah, brasileira!” Eu falei: “Não, portuguesa”. Aí ele começou a rir. Ele já era mais relaxado. [riso] Ele falou: “Eu sou espanhol”, ou qualquer coisa. Já pensou? Foi fazer palhaçada! O cara falava português direitinho. Mas eu não entrei em detalhe, nem... Ele estava com a mulher, que estava com um filho pequenininho. Ela se chamava Rosalia. E era no mesmo andar. Eles estavam lá antes. Aí foi minha grande amiga, foi a pessoa com quem eu fazia as coisas, que foi me adaptando, foi mostrando. E aí, entre brasileiros e uruguaios, eles foram... Por exemplo, como eram só dois responsáveis – os irresponsáveis, como a gente brincava – para cuidar de todo mundo, quando você ligava, os caras diziam que não estava. Mas aí os uruguaios começaram a usar os telefones dos nossos e mandavam chamar. [riso]

C.C. – Mas o Norberto fazia treinamento militar, não é?

M.M. – Fazia treinamento militar.

C.C. – Mas você não acompanhava isso.

M.M. – Não. Ele estava lá na... Não sei nem onde que era o treinamento dele. Ali não era muito grande, não é?

C.C. – Eu estava curioso, porque a gente entrevistou, agora, duas semanas atrás, o comandante Pedro Pires, que era um dos...

M.M. – Quem?

C.C. – O comandante Pedro Pires. É um dos comandantes da luta de libertação de Guiné-Bissau e o Cabo Verde.

M.M. – Ele deve ter treinado lá também.

C.C. – Fez treinamento. Mas os cabo-verdianos ficavam isolados; eles não misturavam os africanos todos.

M.M. – Não, não. Eu estava no hotel. O Norberto só convivia com os brasileiros. Ah, não, era totalmente isolado.

C.C. – Era seccionado.

M.M. – Não tinha... Eu nem sei... Não, não. Acho que não ficou claro. No hotel, aquilo era uma grande comunidade: tinha o restaurante, a gente comia junto, almoçava junto, tomava lanche, o dia inteiro... Cheio de criança. Porque os búlgaros adoravam Cuba; eles iam como técnicos. Então, o que tinha de búlgaro no hotel, não... Não, não. Estou falando da minha vida. É totalmente diferente da do Norberto.

C.C. – Mas você fica o quê? [Fica] um ano, em Cuba?

M.M. – Não chega a um ano. Quase.

C.C. – Não chega a um ano. E aí vai para França?

M.M. – Na verdade, eu estava indo para o Chile. Meu percurso seria ir para o Chile, por conta de ficar mais perto do Brasil e para dar um... para a organização ter lá um... Tinha já mais gente da ALN lá. Para ter lá um respaldo, um suporte. De qualquer maneira, eu não tinha nenhuma intenção, nunca pensei nem ninguém nunca me sugeriu de eu voltar clandestina e nem deixar minha filha. Isso aí não estava na... Em nome das crianças do mundo inteiro, não vou abandonar minha filha. Isso aí nunca entrou em cogitação. Aliás, era uma coisa que o Norberto e eu tínhamos claríssima: a prioridade é a Marta. Mas, enfim, quando eu estava na França... Fui pela França. Não tinha visto mais meu irmão, porque cada um foi para um lado, e o João tinha ido para a França também e a gente se encontrou na França.

C.C. – Você morou em Paris?

M.M. – Um tempo. Eu ia para o Chile. Aí fiquei sabendo da morte...

C.C. – Mas, na França, você estudava ou fazia alguma coisa?

M.M. – No momento em que eu estava só de passagem para ir, não, mas do momento que eu soube que o Norberto... aí, não, aí eu fiquei... Estudava. Fazia... Eu já tinha feito tudo; eu fiz, na École... Institut... É qualquer coisa de Amérique Latine. Tinha muitos brasileiros lá.

C.C. – Porque o Norberto é morto no início de 1970.

M.M. – Norberto é morto em... Ele chega no Brasil e é morto em seguida. Ele chega no Brasil dia 11 e ele está morto no dia 23 ou 24 [de abril de 1970].

C.C. – Você soube como que ele tinha...?

M.M. – A organização começou a procurar, porque sabiam que ele tinha entrado e ele não apareceu nos pontos. E aí houve uma... Alguém de dentro da Oban falou que achava que o Norberto tinha sido morto na Oban, lá na rua Tutoia. Era quase certo. Tinha saído o caixão de lá e tal. Entre 23 e 24 [de abril]. Ficou a data como 24 [de abril], mas é indeterminado. Teve mais gente que vislumbrou e, inclusive, deu um depoimento: o Paulo de Tarso Venceslau... Houve quem... Não dá para você isolar completamente o...

C.C. – Bom, mas aí você vem... Com menos de 30 anos...

M.M. – Aí eu me relacionei com outras pessoas...

C.C. – Você tinha uns 27 ou 28 anos, com uma filha pequena...

M.M. – Vinte e sete anos. A Marta tinha seis, sete.

C.C. – E aí como é que você pensa sua vida [, **esse novo**]? Qual é a situação?

M.M. – Eu vou dizer para você... Primeiro, assim, quando você perde uma pessoa que você nem nunca imaginou... Primeiro que a gente tem aquela arrogância de jovem: você acha que você não morre e nem as pessoas que você ama vão morrer.

C.C. – Nunca vai acontecer com você.

M.M. – É. Eu me lembro que, quando eu soube, que eu realizei, eu achei que eu ia ter um enfarto, porque eu me lembro que ficou uma coisa que eu não consegui respirar. E muito duras as circunstâncias, porque eu não queria... Primeiro, eu tinha a Marta, então, tinha a dor da Marta, eu não queria... E depois... Eu sempre comento que às vezes, na vida, os exemplos negativos são mais importantes do que os positivos. E uma das coisas que eu lamentava que a mãe do Norberto tivesse feito é que ela... É uma história trágica. O pai do Norberto caiu, em

um desastre de avião, no Rio. Você sabe que depois o irmão dele caiu também? Walter Nehring cai e, anos depois, Carlos Nehring.

C.C. – Irmão do Norberto?

M.M. – Não. O tio.

C.C. – Ah, o tio!

M.M. – Os dois Nehring morreram na baía de Guanabara. A Nice estava com o terceiro filho esperando, ela pirou, um pouco pirou, mas um pouco ficou também essa coisa da... Ela tinha uma família que amparava, então, ficou uma coisa também... Foi muito triste para os meninos, eu acho, o fato de ela não ter refeito a vida. Um pouco da coisa da viúva, não é? E é uma coisa que eu... A primeira coisa que eu pensei foi: “Eu não vou fazer isso com a Marta”. Porque eu pensei em me matar. Eu falei: “Ah, eu não quero viver assim! Mas eu estou doida? E a Marta? É pai e é mãe? O que é isso? Eu não tenho o direito de fazer isso. Eu tenho de refazer minha vida, tenho de criar as condições para a Marta ter um mínimo de estabilidade e tocar para adiante”. Mas era uma coisa cindida. Depois que eu entendi o que é esquizofrenia.

C.C. – Mas você está colocando a maternidade como algo central nas suas decisões, nessa época.

M.M. – Eu tenho um sentido de responsabilidade muito grande, razão pela qual eu só tive uma filha, e sempre achei que as crianças... Eu sempre gostei de criança, convivi com criança e acho que as crianças não são responsáveis, que nós, adultos, temos de cuidar das crianças. Então foi... Se você quiser, eu fico pensando... É verdade, sim. Eu acho que o fato de... Não sei, se eu não tivesse a Marta, se não fosse o vínculo que eu tinha com a Marta, o que eu teria feito, tendo ficado... Não sei.

C.C. – Mas é diferente, na época, essa percepção, com essa decisão sua, cumprindo o papel tradicional da mulher, que tem que cuidar dos filhos e da família?

M.M. – Mas não é... Eu acho que não. Você está enganado. Eu acho que... Tem uma coisa interessante de um... chamado Winnicott, que é um psicanalista que fala assim: aquelas pessoas que têm um sentido de reconhecimento e reparação, essas pessoas são aquelas pessoas que vão continuar cuidando. Eu sempre fui muito grata aos meus pais. Porque eles se amavam – era uma das poucas casas em que um casal se amava –, porque minha casa era alegre, minha mãe era uma excelente dona de casa, eles eram inteligentes, agradáveis, sempre nos apoiaram, então, eu sempre tive uma enorme gratidão. Então, eu acho que o que me moveu foi menos isso da... A ideia de que... Gratidão com o que eu tive e a minha responsabilidade com aquela criança. A maternidade também é um mito. A maior parte das pessoas que eu vejo hoje tem uma impaciência... Eu vi hoje cenas no... a mãe dando... e todo mundo... a criança sobrando... Por que as pessoas têm filho, Deus do céu?! Porque, para ter filho... A criança não vai preencher nada. Você vai ter... Você tem espaço afetivo, espaço na sua vida para cuidar dessa criança? Essa que é a questão. É uma inversão total aí. Então, ao contrário, as mulheres tradicionais todas que você está falando, elas largaram seus filhos e foram fazer... Eu fui das poucas que fiquei com a minha filha. Muita gente ficou em Cuba e deixou os filhos para trás. Muita. Não estou recriminando. Nas condições dessas pessoas, nem tinha como. Estou dizendo que, para mim, isso não era uma opção. Eu batalharia de qualquer jeito, para ficar perto da Marta.

C.C. – E esses anos em Paris, depois que o Norberto tinha sido morto já?

M.M. – Mas eu fiquei só um ano, e me preparando para ir para o Chile. Na verdade... É gozado, não é? Eu conheci a Europa quando eu fui com a minha mãe e com a Marta, para chegar até a Itália, e eu nunca tinha viajado para fora do Brasil, e foi uma liberdade, porque viajar só, sem pai e sem... só mulheres... Estava uma delícia. Mamãe, eu e a Marta, nós nos divertimos muito. Eu tinha uma amiga que trabalhava na BWA, na British, e ela falou: “Olha, vai por Londres, porque tem todas essas vantagens e tal”. Então eu desci em Londres, em junho de 1969... em julho de 1969. Londres era uma festa! Eu amei Londres. As pessoas andavam descalças, deitavam na... Eu via aquelas pessoas chegarem e tirarem... os homens de fraque tirarem... Aquelas lagartixas brancas tomando sol. Maravilhoso! Amei Londres! Quando eu cheguei em Paris, eu detestei Paris, porque fiquei num hotel num lugar caretésimo; porque a primeira vez que a gente foi sentar num banco, veio uma mulher com um apito... cobrava para sentar no banco; você não podia subir na... Paris mudou muito. Era muito careta. Então eu não queria

ficar em Paris. Depois me apaixonei. Hoje é minha cidade do coração, mas foi só na segunda vez. A primeira vez, eu repeli.

C.C. – Mas aí você ficou até quando?

M.M. – Eu fiquei no Chile.

C.C. – Mas quando é que você foi para o Chile, você lembra?

M.M. – Nós chegamos em Paris em... depois das viagens e fiquei até junho de 1971. Não é isso? E fui para o Chile. O Chile, como país, perto de tudo que a França oferecia, era um desastre: era uma sociedade careta, provinciana, não tinha nem lugar para tomar café direito, mas tinha uma enorme concentração de brasileiros e tinha a Escolatina, que era um curso de... E eu um pouco tinha decidido assumir também as tarefas do Norberto, então, eu falei: “Vou fazer uma pós-graduação em economia”. Conceição Tavares me aconselhou. Porque o meu irmão João tinha isso de fantástico, ele sempre foi um professor. Então, enquanto eu estive na França, eu fiz não sei quantos seminários. Ele fazia seminário... E o último seminário que eu participei foi sobre agricultura brasileira. Era um grupo seleta que estava lá. E aí, eu estava interessada, fui conversar com a Conceição para a gente fazer um seminário, e ela falou: “Lygia, faça a Escolatina. É uma excelente pós-graduação, você vai gostar. Faz uma coisa sistemática”. E aí eu entrei na Escolatina, que foi excelente, também. Foi um... Aí estudava que nem uma doida. Eu sonhava com a... Porque o meu problema era a matemática. Eu era boa... Então, tinha uma coisa assim: eu ensinava Marx para os meus colegas... Eu achava fabuloso, o cara... “Ah! Isso aí é a equação do círculo.” Eu dizia: “Como é que você sabe?!”. “Porque tem...” Eu achava... Aquilo, para mim, foi um absurdo. Mas eu estudei. Estudei... Até o golpe.

C.C. – Também era uma época de efervescência política grande, com a esquerda no poder...

M.M. – Foi maravilhoso. Foi das maiores... Porque a gente já tinha feito a autocrítica da luta armada e uma experiência de um socialismo eleito, um socialismo democrático era uma coisa maravilhosa. Aí a gente viu que nunca daria certo, porque não iam deixar. Você sabe que a... É um pouco que nem a história do golpe do Jango. Se o Jango fosse perder as eleições... Mas



o Jango, primeiro, tinha... Quando [o Jango] fez o plebiscito, ganhou o presidencialismo. O Jango era... E segundo, sabiam que o Jango ia ganhar. Então, por isso que teve de precipitar logo o golpe, pôr as mulheres na rua, Deus, Pátria e Família, qualquer coisa no estilo. E a mesma coisa foi o Allende. A esquerda cresceu nas eleições, então, tinha de dar o golpe. E quem é a classe mais miserável...? Eu não consigo ter simpatia é para caminhoneiro. Não consigo ter simpatia. [**Dessa vez?**], assim, infames. Continuo detestando caminhoneiro. Porque os caras pararam o país. Não tinha comida. Foram os grandes sabotadores, foram os caminhoneiros. E a violência da repressão, eu nunca vi coisa igual, de tanto ódio, de destruírem... Tinha aquelas... que chamavam de povoações, *poblaciones*, os caras iam lá, eles passavam... fuzilavam... Dez dias que eles fecharam todos os... Não entrava e não saía ninguém do país. Dez dias. Estado de sítio. Aí tem os heroísmos. Os caras queriam bombardear a embaixada cubana, que ficava lá no meio da zona chique. O embaixador da Suécia, um homem corajosíssimo, pôs lá a bandeira... Transformou a coisa cubana em território sueco. E assim foi. Quer dizer, houve uma... As pessoas que trabalhavam na ONU, na Cepal – era a Cepal, lá, não é isso? –, na medida do possível, ajudavam, colaboravam. Foi muito bonita, a forma da resistência. Mas foi um massacre. E aí era assim: “Chilenos, denunciem os cubanos e os brasileiros, que estão aí para subverter!”. Aí foi a caça aos brasileiros. Nós, por uma série de razões e tal, na comunidade que a gente morava, não fomos denunciados, mas se vivia com medo de ser. Muito brasileiro foi. Alguns foram mortos lá no... Porque o começo foi uma loucura. Depois chegou a polícia brasileira, para torturar lá, Sérgio Fleury e a tropa dele. Eu acho que o Serra ficou preso lá no estádio.

C.C. – No Estádio Nacional.

M.M. – Porque aquilo foi um pesadelo. Você ouvia os gritos, você ouvia tiro, quem estava do lado de fora. E aí a gente deve ao Fernando de Moraes... Porque eu, lá desesperada; não tinha telefone em casa... O vizinho, que era... tinha telefone. Eu liguei, e aí o Fernando de Moraes, que trabalhava no *Estadão*, cedeu a passagem para meu pai e minha mãe. Então, o primeiro avião que desceu, a Conceição, que estava no Brasil, também desceu, porque os filhos estavam lá no Chile, e meus pais desceram. Aí foi um alívio. Aí foi mais um mês para a gente se... É que a gente não tem tempo, mas depois eu te conto a história, como é que nós escapamos do nosso vizinho reacionário.

C.C. – Aí você sai do Chile e volta...

M.M. – Saímos do Chile. Aí voltamos para a França – nós; os bolivianos... Boliviano que nem falava espanhol, falava quéchua ou sei lá o quê, de repente está na França. Naquele...

C.C. – Você não tinha possibilidade de voltar para o Brasil, naquela época?

M.M. – Eu? Possibilidade? Mas nem morto! Mas não voltava nem morta! Seria presa e torturada.

C.C. – Seria a clandestinidade.

M.M. – Não, clandestina, não voltaria mesmo. Mas, além do mais... De jeito nenhum. Não voltaria de jeito nenhum. Olha, ninguém conta. As mulheres foram tão humilhadas que as pessoas têm vergonha de falar. Mas, por exemplo, quando a Renata Souza Dantas, que era uma mulher da mais ilustre família, lindíssima e tal, e uma sobrinha do Severo Gomes foram presas, a primeira coisa que o cara mandou fazer é ficar nua. Isso aconteceu com a Conceição Tavares também: a Aeronáutica pôs ela nua. Ela se recusa a falar disso, mas foi. E nunca ninguém falou... Eu tinha a fantasia de que era uma tortura... Nunca ninguém... Só agora, depois de todos esses anos, é que as mulheres estão conseguindo falar o que elas passaram. É claro! Estava na cara... Você acha que o quê? Como diz a... Você precisa... Porque é um pouco aquele filme maravilhoso, *Que bom te ver viva*. Porque você tem 26 anos, 27 anos, você não quer virar uma coitada, que os caras olham para você: “Puxa!”. Você quer ser desejada, você quer esquecer, você quer ir para frente, quer continuar a viver, você quer ser jovem. Então não dava para... Precizou de muito tempo e as pessoas ficarem mais velhas, e uma fala, a outra fala, para a gente saber o que foi, o grau de humilhação, o grau de... Quando você vê esses canalhas desses Bolsonaros falando do Ustra... É uma loucura! O que a Amelinha Teles passou, caída no chão, arrebatada, e o cara se masturbando?! Não é animal. Animal não faz isso. É perverso. É uma gente horrorosa, perversa. Então, nesse exato momento, eu estou vivendo um profundo divórcio do Brasil e dos brasileiros. Saber que foi eleito um cara que arrebatou o negócio da

Marielle; saber que hoje são os milicianos que são chamados de bons cidadãos, isso é duro. Eu podia passar sem isso, não é? Nós. Acho que o [o problema?] não foi contra mim. [riso]

C.C. – Mas vai passar.

M.M. – Eu não tenho a fantasia de que...

C.C. – Vai passar.

M.M. – Será que...? Eu quero ver se vou estar viva para isso, mas, enfim... Então, voltando...

C.C. – Bom, você voltou para a França. E a segunda estada é que você se apaixonou...

M.M. – A segunda estada, aí eu já estava fazendo Economia, já fui direto fazer doutorado de Economia. E aí aconteceu o seguinte: tantos anos tinham se passado e... Meu pai foi a um casamento e tinha um militar de altíssima patente que era contraparente nosso, de um lado da família, e ele falou... Ele me chamava de Ia, que é meu apelido. “Por que a Ia...?”

C.C. – Qual é o apelido?

M.M. – Ia.

C.C. – Ia?

M.M. – É. O João que me deu. “Maria, Ia...” Ele vivia... Provavelmente, punham ele, coitadinho, cuidando de mim. Eu devia ficar no... Como se chama aquilo? Chiqueiro, que se chamava aquilo, não é? E aí meu pai falou: “Bom, como é que ela vai voltar?” Murilo, era o coronel... o general, não sei... Acho que era coronel. Ele era o cara do II Exército que fazia toda essa parte da repressão. Ele falou: “Não, ela pode voltar; não vai ter nenhum problema”. Aí meu pai falou para mim: “Olha, o Murilo Alexander garante que você pode voltar”. Eu falei: “É o seguinte, alguns voltaram e foram direto depor. Eu não vou depor. Eu não vou de livre e espontânea vontade em lugar nenhum, então, eu quero garantias. Já basta o que eu passei na

vida, eu não quero...”. Porque eu sabia como era. Escapava... O Exército tinha facções que brigavam com o DOPS. Sei lá, dá um doido desses...

C.C. – Mas você volta em 1975?

M.M. – Voltei em 1975.

C.C. – Já é governo Geisel, tinha o projeto de abertura...

M.M. – É. Mas mataram quantos, depois?

C.C. – Tem os embates lá internos ainda muito... Inclusive no II Exército, não é?

M.M. – É. O Murilo Alexander era um cara da linha dura, que tinha feito repressão lá no Araguaia. Ele não era flor de cheiro, não. É que ele sabia que de fato eu não... Mas, veja você, assim mesmo, com tudo isso... Na França, Maria Lygia Quartim de Moraes não dá, então, eu era Maria Moraes [falando com sotaque francês], porque facilita. Maria Moraes. E eu tinha escrito... O João... Nós tínhamos um grupo político-intelectual chamado Debate, e escrevíamos e tal, e eu tinha feito uma coisa sobre mulheres. Porque estava o auge do feminismo. E esse texto foi para o Guido Mantega, que era muito nosso amigo. Ele passou pela França, ficou lá um tempo e levou o texto para o Cebrap. E aí começou uma pressão para ver se publicava o texto. Eu até... Quando eu cheguei... Demorou a coisa. O Giannotti era uma pessoa muito cautelosa, e eles estavam sob pressão, então... Eu era a viúva do Norberto, irmã do João. Então, ele falou: “Por que...? Tem a coisa do nome...”. Eu falei: “Põe Maria Moraes”. Mas, se você reparar – saiu no número 16 –, tem o nome de todo mundo que escreveu, menos o meu. O artigo está lá. Mas foi o primeiro artigo que saiu no Cebrap – porque o pessoal era muito machista – sobre a questão feminina. É claro que é um artigo dentro da mais pura tradição da coisa da... marxista, de economia, mostrando o trabalho... Enfim...

C.C. – O pessoal era muito machista? Que pessoal você está falando?

M.M. – O Cebrap? Todos. Eu era respeitada, não tem nenhuma dúvida, porque eu era economista. Havia uma... O que quer dizer machista? Por exemplo... Não é que eram machistas no trato. É um pouco. Mas, por exemplo, não entrava a questão da mulher. Mesmo o meu amado Chico de Oliveira... O Chico, essa coisa de feminismo, com ele não... Não era o forte dele. No que eu trabalhava? Eu trabalhava, por exemplo... Eu era economista, eu escrevia artigos de economia. Tinha não sei quantas coisas que eu escrevia com o Guido, a gente fazia parceria no *Movimento*. Então, se você pegar, por exemplo, o *Movimento*, o jornal *Movimento*... Porque eu fui trabalhar no *Movimento*. Quem era o grupo econômico que fazia economia? Era: Bernardo Kucinski, Guido Mantega, Chico de Oliveira, eu, e quando o Rui Falcão saiu da cadeia, o Rui Falcão. Porque os presos iam saindo aos poucos. Nós éramos a editoria de economia, que foi uma coisa ótima, porque viajava, fazia muitos contatos e tal. Mas, ao mesmo tempo – eu era feminista roxa –, eu tinha um grupo chamado Nós Mulheres, que era um grupo de feminismo, e eu de vez em quando punha umas matérias feministas também no *Movimento*. E tudo bem, porque era... Você entende? “É a Maria, a Maria quer, pede para dar, tudo bem.”

C.C. – Quando é que você virou “feminista roxa”, como você falou?

M.M. – Na França.

C.C. – Na segunda estada?

M.M. – Na segunda... Rigorosamente, já na primeira. Porque eu me lembro que a gente formou um grupo feminista no Chile. Mas era mais um grupo de... Era de mulheres feministas e um pouco de oposição àquela linha do PC. O PCB tinha um prestígio louco lá no Chile; tinha quase que um estatuto de partido irmão, então, tinha muito espaço. E a gente ia nas reuniões e fazia o contraponto.

C.C. – E era um partido machista?

M.M. – Não, mas a questão não é nem [ser] machista; é de não enxergar... É de achar que o... E negar... Você não pode dizer isso, quando você pensa que, em 1917... Nunca teve tanta... A coisa foi tão revolucionária, as conquistas das mulheres em 1917, que nenhum outro país na

Europa tinha nem nunca teve... Nós não chegamos... Até hoje, estamos longe daquilo. Então, não é por aí. Era a ideia de que o socialismo ia resolver todos esses problemas e mais alguns. A ideia de que as lutas específicas dividem. Era essa que era a ideia. Eu sempre fui de esquerda. Então, nós, que éramos de esquerda, a nossa questão era mostrar como, sim, era importante essa luta específica, sim, e que não tinha essa de que começa aqui e depois aqui, que não existia isso, e que a União Soviética era a maior comprovação de que o socialismo por si não resolve. Olha, mais leis do que Cuba teve, de igualdade... Mas tem uma coisa que se chama cultura. O cubano vem de uma tradição muito... Primeiro, a coisa espanhola, e depois, cubana. Até por conta... Como os americanos fizeram boa parte das mulheres cubanas de prostitutas, então, as que não eram, elas andavam com acompanhante. Então, tinha uma coisa muito machista e muito controladora em Cuba. Muito. Ai de um dirigente que a mulher o traísse! O cara tinha que se separar. Pegava mal. Esse meu amigo conta, o Felix, o uruguaio, que um dia o seu responsável político foi lá na... e bateu na porta e o Felix estava com o menininho no colo, e o cara fechou a porta, assim, como se... [riso] E isso que a lei toda fazia o maior esforço. Mas a coisa cultural é muito forte. Por isso que não dá... E é isso que a gente dizia: “Se a gente não começar de agora com uma nova atitude – a gente, agora, onde a gente estiver –, abrir espaço para isso, depois não vai ser por milagre”. É a experiência, é a vivência que vai fazendo. Eu achei tão interessante... Não sei quem foi que fez esse comentário, que eu achei incrível. Foi o ano passado, em relação àquela Parada Gay. Um dos organizadores dizia o seguinte: “A coisa mais importante, às vezes, não é tanto conseguir conquistar os direitos; é as pessoas terem a coragem de sair do armário e os vizinhos perceberem que aquele casal é boa gente, é normal”. As pessoas mudam, quando as pessoas têm uma empatia com você. E é isso que a gente dizia, quando chegou em 1975 e quis fazer um grupo de feministas. Todos diziam assim: “Ah! Mas você sabe, o Brasil... Não pode. Porque feminista, no Brasil, é mal-amada, é feia, é não sei o quê”. Eu falei: “Perfeito! Nós não somos nem mal-amadas nem feias nem não sei o quê lá, então, nós vamos provar que o feminismo...”. Isso não é argumento. Não é por aí. Então, hoje, tudo é feminismo. As pessoas estão lendo a história [**desde o começo**]<sup>4</sup>, feminismo em 1920. Pelo amor de Deus! Vai ser feminista em 1975 e você veja como é que era. Nós éramos o único grupo que se dizia feminista. O resto era movimento de mulheres, grupo feminino. Feminista, não. Mas no momento que você se declara uma coisa e você... e as pessoas... “Bom, ela é

---

<sup>4</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.

feminista, mas é interessante, é não sei o quê”. É assim que se avança. Então, nessa questão do machismo em geral, nos grupos todos, é a atitude que você tem que muda; é quando uma pessoa fala uma coisa e você diz: “Ô meu! Calma! Olha o que você falou agora. Eu não gosto de ouvir isso”.

C.C. – Mas... Perdão. Fala.

M.M. – Pode falar. Você veja que a coisa de mulher, as mulheres se animam.

Participante – Eu queria perguntar quem são as outras mulheres que fazem parte desse grupo, seja no Chile ou, depois, no Brasil; se algum nome te vem à cabeça agora.

M.M. – Ah! Vêm todos. No Chile, era um grupo pequeníssimo, que era: a Ana Matilde Mota, que tinha sido da VAR-Palmares, era militante; a... Agora esqueci o nome, que era casada com o Eduardo [**inaudível**] e morreu tragicamente lá no Chile... Nós éramos quatro ou cinco, no Chile. Mas eu ia muito para a França, e na França já tinha aquele grupo Nosotras: a Danda Prado, com quem eu me dava... Elas já estavam organizadas lá. Por exemplo, o João nunca foi machista na atitude, mas ele não aguentava deixar de fazer uma piadinha, tipo assim: “Ah, bom, já que vocês estão fazendo um grupo, vamos fazer um bailinho”. A Danda ficou furiosa: “Aquele teu irmão de vez em quando é um babaca!”. Eu falei: “É, ele não aguenta”. Essa brincadeirinha, que é machismo. O sujeito... “Mas como?! Eu estou brincando.” Brincando... Brincadeira, como diz o Freud, ato falho, brincadeira, tudo isso quer dizer alguma coisa. E no Brasil, eu sei todas. Eu era a mais velha; o resto todo era... Tinha uma de 16 anos, que até hoje é jornalista. E foi um grupo de afinidades: tinha as pessoas que vieram da França – a Lia Zatz, a Rita de Lucca, eu mesma, a... Como é que se chama a Cuca? [A Cuca], que era casada com o José Eli da Veiga... Esqueci o nome dela... Era chamada de Cuca. Esqueci o nome. Mas, enfim... E mais... E encontrou com mais Rachel Moreno e outras, que já faziam um trabalho... Não tinham nada que ver com o exterior, não eram... A nossa formação era marxista, das que chegaram. Se você pegar o primeiro editorial do Nós Mulheres, é um editorial que serviu para quantas coisas, tantas pessoas depois imitavam. “Somos mulheres oprimidas”, assumia a coisa de classe, a coisa do sexo, mas dizia... Éramos anticapitalistas, claramente. “A gente quer um projeto... A gente tem um projeto para a sociedade. Enquanto tiver um oprimido, nós estamos

do lado desse oprimido, contra os opressores.” Essas pessoas, eu conheço todas. É que você não é de São Paulo, porque até tem figuras engraçadas que foram do Nós Mulheres. Tem a Liana... E depois tinha meus parentescos: minhas primas, amigas...

C.C. – Agora, e a trajetória acadêmica? Porque você vai fazer doutorado em Ciência Política na USP, em 1978.

M.M. – Eu, na verdade, quando... Eu nunca parei de estudar, mas eu peguei um horror da USP. Porque, para mim, aquela USP na Cidade Universitária, depois de tudo que tinha acontecido, sem os 300 professores, com gente horrível que eu conhecia que tinha tomado o poder em várias... Aquilo, para mim, era uma excrescência como oportunismo. Até hoje eu tenho uma relação de amor e... Eu tenho uma coisa complicada com a USP até hoje. Mas só tinha doutorado na USP. A USP era monopólio de doutorado. Nenhuma outra... Não tinha lá no Rio; na Bahia não tinha nada, ninguém... A USP era dona da coisa do doutorado. Para você conseguir entrar no doutorado, tinha fila. E aí, evidentemente, o fato de eu ser do Cebrap e ter toda uma turma lá, eu fui aceita logo de cara.

C.C. – Era uma relação tutorial? O professor que escolhia o aluno?

M.M. – Aí é o seguinte, eu estava participando de um grupo que estava fazendo... Porque, como o Cebrap era malvisto, tinha todo um esquema de... Nosso grande protetor chamava-se Sérgio Motta. O Sérgio Motta era dono de uma empresa de planejamento e ele fazia as intermediações. Porque ninguém podia contratar, digamos... Então, a Emplasa contratava... Era todo um jogo para chegar até a gente. Então, era um projeto grande: estava o Chico... O Chico estava coordenando e a gente estava fazendo análise setorial. Meu interesse era o setor produtivo do estado, então, eu trabalhava com o setor produtivo, junto com o Fred Mazzucchelli; o Guido fazia automobilística; tinha um outro que fazia a indústria de... Não me lembro mais quem ficou com a construção civil. E a gente produziu um enorme... [**Ter feito parte**]<sup>5</sup> disso, para mim, foi muito interessante. Então, eu já tinha todo aquele material. Aí eu vi como é que o capitalismo brasileiro funcionava. Funcionava com tudo na... Era assim: Finame, Finap, Finop,

---

<sup>5</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.



tinham quinhentas coisas de apoio, mas era tudo dado. Mas aquele modelo da ditadura era muito inteligente, um tripé: tanto para o capital estatal, tanto para o capital estrangeiro e tanto para o capital brasileiro, e vamos fazer os grandes grupos. Eles modernizaram a economia, isso é indiscutível. Modernização da economia por cima, com arrocho, violência, mas a ditadura fez. E a ditadura não entregou... Não foi a ditadura que entregou nossas riquezas: a Vale... Ao contrário. Isso aí tem que ser... Tem duas coisas que a ditadura... Três. Acho que foi essa questão de preservação da... Porque amigo de César, mas amigo da verdade. Eu sempre aprendi a dizer aquilo que é. Então, é o seguinte: a ditadura foi uma merda. Para a minha geração, foi horrível. Eu, pessoalmente, me senti... perdi um pedaço de mim. Bom, isso posto, houve um avanço na modernização? Houve. Indiscutivelmente... A gente não tinha nem sistema financeiro. Não tinha mercado de capital, não tinha sistema financeiro, não tinha... Então... Telefone, a pessoa fazia... Telefone era... Você comprava o telefone para fazer negócio, o que já é um absurdo, ter uma história dessas. Muito bem. Fez isso da economia, a duras penas, com um preço desgraçado; fez também uma coisa que esse louco desse psicopata está querendo tirar, que é a questão da educação: fortaleceu o Capes, fortaleceu o sistema e transformou o sistema brasileiro todo, que era moldado no francês, no sistema americano, com mestrado, que foi bom, foi positivo, a coisa avançou. E a terceira coisa: o Geisel... Porque nunca... Com essas igrejas fundamentalistas – a católica e agora a evangélica, essa praga –, não saía a lei do divórcio. E o Geisel era protestante, tinha pinimba dos católicos, pumba, fez o divórcio. Então, para a ditadura, isso. De resto, a tortura, a falta de direitos e o medo. Eu acho que o brasileiro é um povo medroso, tem uma coisa... Não é medroso, é amedrontado. Tira o medroso. É amedrontado. Porque a vida inteira viveu sob a violência, sem conseguir quem socorresse. Quem mora na favela aguenta não sei quantas milícias e paga para o troço; se não é a polícia que está dando porrada. Nosso maior problema... A gente defende o Estado laico. A gente não teve Estado laico, na verdade. Não é só por causa do avanço dos conservadores e da pauta conservadora; eu acho que nós não temos... Nós estamos caminhando muito rapidamente para uma coisa parecida com o México. E quando chega no ponto do México, não tem retorno, eu acho. Eu acho que o México não tem retorno.

C.C. – Mas em que sentido?

M.M. – De milícias.

C.C. – Ah! De milícias?

M.M. – De milícias. Eu acho que é uma coisa de milícias. E os ricos têm as suas milícias, para proteção; tem as milícias que vão lá atormentar os coitados dos moradores de periferia. Então, sei lá, eu tenho...

C.C. – Você não está otimista.

M.M. – Não, não sou. Como é que se diz? Pessimista, mas com esperança. Sei lá. Eu não sei. Eu tenho de ter esperança, não é? A esperança é a última que morre. Eu tenho muita confiança nos jovens, e eu acho que sempre... Se você vê agora, por exemplo, essa coisa do feminismo, a minha visão é o seguinte: teve a fase heroica do feminismo, que foi a de 1975 a 1980; em 1982, o Montoro... Tudo que a gente tinha proposto, ele topou. Então, era o Conselho das Mulheres; era a Delegacia Especial... Foi dez! E aí começou... E aí aconteceu uma coisa, também, que nunca ninguém parou para pensar, que foi essa história das ONGs. Era movimento social, aí vira ONG?! Vou te contar a minha experiência. Eu trabalhava na Fundação Carlos Chagas. Porque, como eu te falei, eu não queria entrar na universidade. Eu fazia o doutorado e tal, mas trabalhava na Fundação Carlos Chagas como pesquisadora. E aí, um belo dia, a Carmen falou: “Bom, nós recebemos um... Aqui tem um projeto da Unicef” – não sei de quem era – “para a gente fazer um balanço da metade da década das mulheres”. Isso foi em 1980. “Ah, perfeito! Vamos distribuir o trabalho. Fulana faz isso; você vai fazer as ONGs...” Eu falei: “Fazer o quê?!”. “ONGs.” Eu falei: “O que é ONG?”. Ela falou: “Os movimentos sociais”. Aí eu falei: “Ah! Isso virou ONG agora?”. Então, é assim. É que nem as ondas. ONGs, ondas, a primeira onda do feminismo, a segunda onda do feminismo e tal. Se você parar para pensar, isso tudo é uma forma insidiosa de você despolitizar toda a história das lutas sociais. Veja bem, como é que...? Por isso que eu estou te contando. Estamos em 1975, ninguém queria ser feminista; éramos só nós; aí apareceram as lesbofeministas; depois, em 1981, teve o primeiro Congresso das Mulheres... I Congresso Feminista, e nós participamos disto. Eu, sinceramente, a partir de 1981, eu parei de... Eu tenho um certo problema com a... Aí começa muita fofoca, muita coisa assim, eu parei de fazer organizadamente. Então, eu nunca fui em congresso; não... E achei que estava de bom tamanho. Mas, se você reparar, a partir do Montoro e depois do

Sarney, o que você vai estar tendo é uma burocratização de dois lados: as feministas vão se profissionalizando, ou porque se transformam em ongueiras e aí passam a viver disso ou porque entram no aparelho do Estado e também viram umas burocratas, e outras, no meu caso e... são pesquisadoras acadêmicas. Então, aquilo que a gente fazia, que era... aproveitando o espaço da Igreja Católica e da Teologia da Libertação, que criou as Comunidades Eclesiais de Base, que criou a Pastoral da Terra... Todos os movimentos sociais importantes do Brasil tiveram a presença da Teologia da Libertação. É indiscutível. Isso foi ótimo por um lado e não foi bom por outro. Porque, por mais radical que fosse e você quisesse traduzir a linguagem do Êxodo, do Antigo Testamento em termos de luta de classes, ainda era uma coisa religiosa. Um. Segundo, cada vez que nós fôssemos fazer um trabalho com eles, tudo bem que a gente fosse lá ensinar mil coisas, mas aí de falar de divórcio ou falar de aborto. E a gente ia cedendo, e a gente ia cedendo. Então, acho que tem uma responsabilidade muito grande, nessa coisa de fazer o que dá. Não. Alguém tem que ficar do lado do que não dá; defender claramente o que não dá. Bom, e aí o que você tem? De repente, todo mundo agora... O feminismo, agora... Agora já está saindo de moda. Já se viu que o... Nosso ministro do Exterior já falou para tirar gênero, para tirar feminismo e tal. É bom até, porque agora vamos ver quem é que continua sendo feminista. Mas aí começa o histórico, e eu li algumas das... Vocês têm lá no CPDOC um negócio chamado Feminismo, e aí você vai vendo que tem muitas informações... Tudo bem, a pessoa foi no que foi. Mas eu acho que tem uma coisa, que não é do CPDOC, é de toda parte, que é a história das ondas. Muito bem. Quais são as ondas? A primeira onda, é dito, a primeira onda foi aquele período da luta pelo voto; a segunda onda foi o 1975... Já está na terceira ou quarta onda. A minha questão é o seguinte: primeiro, qual é o lugar...? A gente comemora o 8 de março quando? O que a gente comemora no Dia da Mulher? Não é no 8 de março. O feminismo, as mulheres, o movimento de mulheres só deu um salto quando começou o capitalismo... Perdão. Começou o capitalismo, não. [O movimento de mulheres só deu um salto] quando, com o capitalismo, que já estava lá, elas foram incorporadas à massa operária e, como operárias, como trabalhadoras, nos Estados Unidos, na Alemanha ou onde quer que fosse, elas foram se organizando como operárias, e aí é que sai o 8 de março, que era a comemoração do dia da mulher trabalhadora, operária. Aí, em 1917, você tem uma revolução extraordinária, em matéria de direitos, que pressionou todo mundo, [pressionou] outros países a começar também a dar voto, a dar isso, a dar aquilo. Já tinham alguns países nórdicos que tinham algum direito a voto já, não foi exclusivamente, mas a Inglaterra, só depois disso e tal. Bom, então, se

você for fazer algum tipo de genealogia, o mais lógico é você apontar essas lutas, porque foram essas... essa geração que... Era uma massa de mulheres, que são o começo do feminismo moderno. Até eu brinco que a Flora Tristan é uma espécie de protofeminista, porque a Flora Tristan foi a primeira... Porque você tinha antes a Olympe de Gouges, você tinha a Mary Wollstonecraft, que falavam da... que ligavam a quê? À questão da abolição da escravatura. Elas eram abolicionistas e diziam: “Precisa abolir a escravatura dos negros e a nossa, das mulheres”. Mas era uma coisa genérica, a coisa da mulher. Essa coisa da operária começa com a organização das mulheres como operárias. Muito bem. Como diz o Hobsbawm e a Doris Sommer, as narrativas fundacionais são importantes. E, de repente, eu estou vendo uma coisa edulcorada, bonitinha: primeira onda, segunda onda... Desde quando onda é categoria de análise? E isso pegou. É isso e a famosa... Bom, mas aqui eu não vou discutir isso, que é a famosa interseccionalidade. Das bobagens que eu tenho ouvido falar, a interseccionalidade é a primeira delas. Porque, em última instância, todo mundo é único. Porque eu posso parecer a mulher branca dominadora, não sei o que lá, mas eu sou uma anciã, eu estou amparada... Eu sei o que é a invisibilidade da mulher mais velha. Então, com isso, não tem mais política. Eu já vi isso. “Estou aqui e não estou vendo nenhum tortinho não sei como que me represente.” Então, isso não tem, acabou, acabou política. A interseccionalidade é uma bobagem teórica, pretensamente teórica, que não... A política...

C.C. – Você vê como o lugar de fala.

M.M. – Bom, isso aí, então, é fabuloso! São as três babaquices. Mas isso passa, porque não tem contexto. Essa questão das ondas já é uma bobagem, inclusive, porque supõe... Primeiro que o movimento social não é mar, e segundo, supõe que haja um filme. E não há. Foucault já mostrou claramente... A gente sabe que essa história tem rompimentos. Eu vi. Aconteceu com o Chile. O Chile, 20 anos depois, 30 anos depois do golpe, não tem mais nada a ver com aquele Chile. Nada. Nós, daqui a quatro... O que o Brasil ficou depois da ditadura não tinha mais nada que ver com o anterior, e daqui a quatro anos o Brasil vai estar muito mudado. Tem uma coisa que a economia chama de ponto de inflexão. Tem mais a ver com ponto de inflexão do que com onda. Então, o que eu vejo hoje que me assusta é essa despolitização da história – de como você conta a história do feminismo – e das categorias de análise.

C.C. – Maria Lygia, eu queria retomar uma frase que você falou, porque você falou uma hora que não queria entrar na universidade, que você estava na Fundação Carlos Chagas, mas aí tem um momento que você entra, vai ser professora visitante na Federal da Bahia, em 1983 a 1985, depois na Unesp. Por que você entrou na universidade?

M.M. – É sempre meu irmão João.

C.C. – É culpado por quase tudo.

M.M. – Meu irmão João... Quem é que caçoa? A Margareth Rago brinca, diz que quando... Ela me entrevistou uma vez e ela falou: “Quando você começa a falar, é a história do Joãozinho e Maria”. Eu falei: “Olha, é parecido”. Há umas tantas... Foi quando? O João já tinha voltado. Depois da anistia, ele voltou. Ele falou: “Você precisa ter holerite”. Porque tinha a coisa da pesquisa. “Você precisa ter holerite.” Quem, em 1982, tinha um doutorado de ciência política na USP, nota 10... A Ruth Cardoso estava na banca e o Peter Fry – o Peter deu muita força –, a Eva Blay... Eu achei que a Eva não ia gostar...

C.C. – O Peter ainda estava na Unicamp ou já tinha ido...?

M.M. – Não, não, isso foi na USP. Ah! Onde ele estava? Acho que estava na Unicamp. Eu me lembro da minha banca, porque a minha orientadora viajou e a banca ficou aleatória, então, eu falei: “Gente, mas o que é essa banca?!”. Fora a Ruth... Eu conhecia de fama, o Peter, mas não... Conhecia de festa, também, mas, enfim... Aí eu comecei a namorar um baiano e o pessoal da Bahia perguntou se eu não queria... Eles não tinham doutor.

C.C. – Baiano?

M.M. – Um baiano.

C.C. – Ah! Um baiano.

M.M. – É. E fui tentar viver em Salvador. Eu falo isso... Nunca me senti tão estranha numa terra.

C.C. – Por quê?

M.M. – Nossa Senhora! Porque... É racista *pra* caramba. A gente tem essa fantasia, aquela coisa simpática... “Painho!” “Mainha!” “Vem cá, meu neguinho!” As relações de trabalho são horrorosas; um machismo absurdo... Acho que melhorou muito, mas para mim foi chocante, logo que eu cheguei. Era muita diferença. Eu tentei andar de ônibus. Era impossível, pelos dois lados, porque os ônibus eram uma porcaria e tinha um negócio chamado chiqueirinho, que... Porque as pessoas entravam com prancha e tinham que... Pela falta de educação. Era uma falta de educação generalizada, de vizinho jogar... Sabe essa coisa de as pessoas que não terem a coisa do apreço...? Eu tenho uma teoria a esse respeito. Era tanta exploração, tanta exploração, tanta exploração que isso é a forma de resistência. É péssima, mas é. É a forma de resistência: jogar coisa na rua, jogar... considerar tudo que é coisa pública... fazer qualquer coisa. Então foi muito difícil. E porque São Paulo estava numa grande ebulição, com o Franco Montoro, e na Bahia, quem foi eleito, que era aquele... o Waldir, que foi a grande esperança, o Waldir pegou, largou, foi fazer não sei o quê, deixou a Bahia para o vice, e aí foi um... Foi muito triste para a esquerda baiana, também.

C.C. – Você ficou pouco tempo, não é? Dois anos?

M.M. – Não chegou a dois anos.

C.C. – Não chegou?

M.M. – Não. E os meus amigos de São Paulo... Eu adoro a Bahia. Eu tenho uma relação assim: desde que eu não vá morar... Bom, e depois, porque deu tudo errado ali, também: o namoro... Foi tudo errado. Mas, enfim, aí o pessoal me chamava para... A Fundação Carlos Chagas, vira e mexe tinha coisa para eu trabalhar e fazer e tal. Mas foi uma boa experiência. Eu fui como pesquisadora de economia, mas também me liguei ao mestrado. Aí, eu queria voltar e fui conversar com a Carmen Junqueira, fui bater um papo com ela na PUC. Estava pensando mais

na PUC, [para esse tal]<sup>6</sup> curso. E aí estava a Carmen e tinha uma pessoa, que eu não estava vendo quem era. Depois eu vi que era o meu querido professor, que eu amo... amava, porque ele está morto, Octavio Ianni. E aí o Octavio falou: “Maria Lygia, se você quer voltar, a Unesp – Araraquara está desesperada atrás de um doutor, porque a Maria Conceição D’Incao passou para a Unicamp, está com uma vaga, e precisa para agora, para amanhã”. E aí eu fui para Unesp – Araraquara, onde eu fiquei nove anos. Aprendi a ser professora.

C.C. – Aí passou a ter holerite.

M.M. – Eu sempre falo isso, que o primeiro dia de aula, eu achei que tinha dado a matéria inteira. [riso] Expliquei...

C.C. – Mas você já morando em São Paulo?

M.M. – Sim. Eu nunca saí de São Paulo.

C.C. – E ia para lá.

M.M. – Ia, ficava dois dias e voltava.

C.C. – E de Araraquara você vai para a Unicamp, em 1993, não é?

M.M. – É. Porque aí, o que aconteceu? Às vezes o ambiente, quando tem os de fora e os da casa, às vezes é um espaço muito grande para a mesquinha. O que eu quero dizer? Então, por exemplo, chamar a gente a qualquer hora. “Ah, mas a faculdade é aqui, então...” Tinha um grau de arbitrariedade... Teve uma pessoa que era muito doida, fez a gente, a mim e a uma amiga que estava amamentando, ir buscar um papel lá em fevereiro. Podia pôr no correio, ou deixar lá. Era uma coisa insignificante. Ela achou que a gente não ia, inclusive. E nós fomos. E aí eu falei: “Ah, eu não vou ficar sujeita à mesquinha e à mercê dessa loucura”. Aí tinha um concurso na Unicamp, e eu falei: “Ah, eu vou participar desse concurso”. E estava uma

---

<sup>6</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.

guerra, no Departamento de Sociologia, que era um departamento grandão – tinham várias tendências, [**tinha uma onda**] da direita, a esquerda, o centro –, e a guerra era tão grande que o departamento inteiro ia ser banca. Você já imaginou? Fora aqueles que não quiseram ser. Então, era uma banca... [Era] uma coisa monstruosa. E aí a direita emplacou seu candidato, que foi o primeiro lugar, eu ganhei o segundo lugar – eu estava meio correndo por fora –, e outro, que era o queridinho de muita gente, ficou em terceiro lugar. Só que esse que ganhou o primeiro lugar, que era do Nordeste... Eu nem sei quem era a pessoa. Ele não... Eu já fiz o contrato e tal. E ele não apareceu. E aí o terceiro lugar falou... começou a pressionar para abrirem e então chamarem. Dois dias depois que tinha sido empossado o terceiro lugar, o primeiro lugar aparece lá para assumir. Mas aí acabou, perdeu. Porque tem um prazo. A pessoa [**inaudível**]; ela tem um prazo legal. Ela tem um mês, sei lá. Tem um prazo legal. Se você não está interessado é que você não aparece. E aí foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida acadêmica, porque eu adoro a Unicamp, tanto é que eu trabalho lá voluntariamente há oito anos, depois que eu me aposentei. É um ambiente maravilhoso.

C.C. – Mas em termos do tema que você estuda, o Pagu é um local muito importante...

M.M. – Se você pegar os temas que eu estudo, na verdade... É porque eu não publiquei muito nesse nível, mas eu sempre dei aula foi de sociologia clássica, e quando foi... E trabalhava com família. Fui do Grupo de Família, escrevia sobre família e tal. Em 1996, que teve toda a questão da anistia, aí então foi toda uma forma... Estava o... O Gregori era ministro e, em São Paulo, era um amigo nosso, o Belisário, que era o secretário, uma pessoa muito sensível a essa questão – era o secretário do Covas. Então, foi toda uma... Armou-se toda uma... Porque a ideia do Fernando Henrique, a muitos custos, era conceder o título de desaparecido para... Eram 200 e poucas pessoas. E aí era necessário arranjar uma outra forma que incluísse mais pessoas, e foi toda uma costura e tal, uma coisa de pressão. Então, em 1966<sup>7</sup>, nós fizemos, lá na Unicamp, um... Nós fizemos é... Eu tive muito apoio. Na verdade, quem... Eu segurei... Quase morri de cansaço. Em uma semana... Estava todo mundo disposto a ir. Foi tudo... Foi uma beleza.

C.C. – Em 1996?

---

<sup>7</sup> Referindo-se a 1996, como é esclarecido logo a seguir.



M.M. – É. Foi um evento sobre mortos e desaparecidos políticos: A revolução possível. Era uma resposta ao livro de um canalha chamado... que citou... *A revolução impossível*. Então... Como é que ele chamava? Um cafajeste.

C.C. – Mir?

M.M. – É o Mir. Esse cara era horrível, porque ele foi me entrevistar... E olha que eu não queria. O Juca falou: “Não, tudo bem, eu conheço”. Ele foi me entrevistar. Todas as informações dele eram falsas, as que ele tinha. Ele dizia que o Norberto tinha voltado em fevereiro... Mas umas loucuras...! Eu dizia: “Bom, então, o Norberto tinha um clone, porque eu estive com ele em fevereiro”. E depois, o que ele fazia?

C.C. – Luís Mir?

M.M. – Luís Mir. O que ele fazia? Ele de fato me entrevistou. Ele punha o meu nome lá. Não como se eu tivesse fornecido aquela... mas aquilo dava uma... Foi a coisa mais canalha. O cara é um canalha. Esse realmente é um canalha. Eu nunca mais dei entrevista, depois disso. Aquele outro também queria fazer uma entrevista grande... Como é que ele se chama? O jornalista que escreveu *Mulheres vão à luta armada*<sup>8</sup>. Maklouf. Como é que ele se chama?

C.C. – Maklouf?

M.M. – Ele se chama Maklouf? Não tem um que se chama...? Então. Ele fez uma matéria sobre o Guido, e aí falou: “Você não quer...?” Eu falei: “Olha, eu não dou... Não faço... Não vou falar sobre o Guido, não tem cabimento. O cara é ministro. Não estou a fim”. Minha relação com ele era em outro nível. E aí não dei.

C.C. – A biografia do Marighella que o Mário Magalhães fez, você leu?

---

<sup>8</sup> *Mulheres que foram à luta armada*, de Luiz Maklouf Carvalho.

M.M. – Li. O Mário Magalhães é sério. Senão a Clara Charf não estava lá do lado dele.

C.C. – É muito amigo meu. Por isso que eu perguntei. Gostei muito do livro.

M.M. – O Mário Magalhães é sério e o Mário Magalhães foi a única pessoa que, quando eu falava das coisas do Tuma... Porque teve uma história assim: o Norberto estava... Nós fomos... O Norberto estava preso no DOPS, ficou lá uns dez dias, e eu fui visitá-lo com meu pai. Meu pai ficava meio aflito, e meu pai deu uma saída e eu vejo meu pai falando... O Norberto estava... Dessa vez, tiraram ele da carceragem e ele estava falando lá com o delegado... com ele, e eu estava ao lado dele, com o [Orlando Rosseti]<sup>9</sup> ou com uma turma que era da Ordem... Tem a Ordem Política e a Ordem Social. Era a Ordem Social. E eu vejo meu pai falar: “Oi, Tuma! O que você está fazendo por aqui?”. Aí o Norberto falou: “Ia, esse cara é importantíssimo. Seu pai conhece. Pergunta para ele quem é esse cara, porque ele me interrogou”. Quem era o Tuma? O Tuma fazia um jogo duplo: ele dizia que tinha um encosto – como muita gente tinha – na polícia ou sei lá o quê, e circulava pela 25 de Março, onde meu pai tinha trabalhado, com o cunhado que tinha loja. E aí acabou. Porque o Tuma sabia que ele, a partir daí, era... E a partir daí não dava mais para fingir que a gente não sabia. Eu contei essa história para o Mário. Contei para o Mário o seguinte, que ele acompanhava a coisa do Norberto e foi ele que fez a versão da morte do Norberto que a *Veja* publicou, que o Norberto estava há não sei quanto tempo no Brasil. Ele não ficou nem dez dias. Que estava há não sei quanto tempo no Brasil e desesperado. Eles pegaram a carta dele e deram uma interpretação do... “Está vendo?” Fora as coisas engraçadas, quando eles punham a Maryse assaltando banco. A gente... “Poxa, Maryse, você voltou para o Brasil, assaltou o banco e voltou?”. Era a minha cunhada. “Tão rápido, hein? Competente!” Então, o Mário foi uma pessoa que sempre punha as notícias. O Tuma sempre foi vaselina, ele nunca respondeu a nada. Esse passou... Esse é uma figura, passou incólume. Se deu muito bem, quando... Depois ele teve um cargo da... Ele discutia com a coisa de... Acho que foi da Receita. Tinha alguma coisa assim, que... Gente que devia... “Então, vamos fazer um acordo.” E assim foi. Mas nunca ninguém pegou nada dele, a não ser isso que eu estou falando para você. Ele nunca torturou. De fato, nunca torturou. Ele mandava torturar. E quando eu... Eu fui das primeiras pessoas que mexi no arquivo do DOPS. Eu fui direto ver o arquivo

---

<sup>9</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.

do Norberto. Estava todo rasgado. Ele tirou tudo aquilo que não interessava. E o Mário sempre escreveu... Ele me entrevistava, ele publicava a minha versão e tal. Sou muito grata ao Mário.

C.C. – Ele vai ficar contente. Vou contar para ele.

M.M. – Ah, ele sabe.

C.C. – Eu sei. Bom, queria perguntar agora, a gente já está abusando do seu tempo um pouco, mas sobre... No campo da sociologia, que você entra na Unicamp, como é que você vê os estudos que você faz e o que você pesquisa?

M.M. – Mas então, voltando, eu acho que aí também tem uma coisa dupla, porque... Talvez até por certo... o reconhecimento de que escreveu muita bobagem, eu escrevi... Digamos, escrever de publicar, escrevi, mas não publiquei... [Escrever de publicar, escrevi] pouco sobre a sociologia clássica, sobre... Acho que foi meu memorial que eu trabalhei mais. Se bem que eu uso as categorias do Althusser, desse ou daquele. Meus temas de pesquisa, na verdade, quer dizer, os últimos... O tema que ficou mais forte... O que eu trabalhava? Eu trabalhei anos com a coisa de infância. Vivi anos trabalhando com a coisa da... Primeiro foi família; depois, quando eu ia ser avó, fui trabalhar com a coisa da infância. Fiz um acordo com o pessoal da Medicina de São Paulo... de Campinas e da Unifesp... Em 1966... em 1996, que teve este evento, aí a Marta, minha filha, falou: “Mãe, você tem a missão, agora, de continuar”. Por quê? Porque só na Unicamp tinha o arquivo Brasil: Nunca Mais. A Unicamp tem arquivos incríveis. Tem todo o anarquismo, tem coisas fabulosas. E lá estava o arquivo do Tortura Nunca Mais. A própria Clara Charf fundamentou toda a questão do Marighella pelas fotos que estavam lá. Estava visível como o cara foi fuzilado. Então nós fizemos um acordo com a Secretaria de Segurança Pública... Secretaria de Direitos Humanos e tal. Primeiro foi o próprio Belisário; depois foi o Alexandre de Moraes. E quando começou todo o processo de indenização e de reconhecimento, se aquela pessoa tivesse realmente lá os dados, aquilo já servia como... Para não obrigar a pessoa a ficar provando: “Quem te viu torturado? Quem isso? Quem aquilo?”. E aí foi, não tinha como parar. Aí uma porção de estudantes se interessaram, aí comecei a formar gente, aí eu fiz uma sucessão de... Acho que foram quase 15 anos com esse tema. Custou... Isso é um

custo psicológico muito grande e é uma coisa muito... que me... Tem muita exigência, tem muito sofrimento, tem muito...

C.C. – Exumação, de alguma forma.

M.M. – É. Mas acho que a... Eu encerrei esse período. Eu brinco com o Juca, eu falo: “Juca...” — porque a gente chamava o Norberto de Alemão, às vezes — “Esse Alemão deu uma mão de obra, não é, Juca?”. Meu Deus, como ele nos deu mão de obra! A gente está o tempo todo em torno da memória dele. Foi quando a gente fez uma... Foi muito doloroso, por um lado, mas foi... A gente organizou uma... O Diogo, que era o... estava na Alesp e fez... A melhor parte da... Tudo de melhor que saiu sobre a questão da Comissão da Verdade partiu de São Paulo. Partiu de São Paulo, porque São Paulo foi o único que não ficou naquela coisa de chamar gente famosa e chamou as pessoas que [conheciam] com a mão na massa. Tinha que chamar a Amelinha. A Amelinha é um arquivo extraordinário. A Amelinha, o Seixas... São as pessoas que conhecem. Então, como é que fizeram? Fizeram a vez dos filhos, fizeram as mulheres, e depois começaram com as homenagens localizadas. Aí teve a homenagem ao Norberto. Foi muito importante. Foram colegas dele... E depois teve a primeira coisa que foi espontânea. Aí um pouco eu falei: “Agora está bom”. Porque os próprios estudantes da Faculdade de Economia da USP fizeram um documentário, foram falar com a gente e criaram lá o Espaço Norberto Nehring. Aquilo foi... Porque da hora que sai da coisa da família e vai para aquilo que é de... que é a sociedade se organizando e recuperando a memória... Aí eu falei: “Acho que agora eu posso cuidar dos temas das mulheres”. O que eu estou trabalhando agora...

C.C. – Pois é. O que você está agora trabalhando?

M.M. – Estou apaixonada... Eu falei: “Bom, eu cheguei naquela idade... Agora eu vou fazer as coisas que eu amo, adoro”. Eu estou trabalhando com história, com a história da... Eu comecei a pegar as minhas... essa tradição socialista. Então, estou com uma bolsa CNPq... Mas, é evidente, quando você pede a bolsa, você já avançou bastante, que é para não dar chabu. Então eu peguei a Alexandra Kollontai, a Simone de Beauvoir... Esse é o ano Simone, depois vai ter o ano Angela Davis e o ano Judith Butler. E aí, o ano passado, eu recebo um convite muito honroso da Oxford Encyclopedia, dizendo que eles vão fazer uma enciclopédia... Eu não

entendi bem o que é... sobre o Brasil... Não importa. Mas que estavam me chamando para fazer um artigo sobre o movimento de mulheres no Brasil – século XX. Então, esses dois meses... Eu tenho uma bolsa CNPq, então, dá para... E você tem de comprar no sebo, porque são coisas antigas. Mas tem um livro de uma... acho que se chama Gláucia, que foi a FGV que publicou, que se chama *O feminismo no movimento operário*<sup>10</sup>, acho que 1917 a 1937. Foi um dos trabalhos mais sérios que eu já li. Eu vou até escrever para ela depois, porque eu não acabei de ler, porque é de uma seriedade... Essa, sim, essa foi às fontes. Porque as pessoas acham que descobriram... Ninguém vai lá ver, não é? Todo mundo acha que descobriu a América, sei lá o quê. Ninguém olha para quem começou, para quem falou...

C.C. – Mas você acha que esse tema mistura, vamos dizer, pesquisa acadêmica, formação intelectual com militância, também?

M.M. – Ah, não tem nenhuma dúvida. Por isso.

C.C. – Faz com que algumas coisas fiquem...

M.M. – Aquilo que é formulado de uma forma mais filosófica, é aquilo que a Simone de Beauvoir fala, é a questão da vivência. Quer dizer, eu tenho uma afinidade muito grande com toda essa questão. Eu vivi sempre isso. Quando a Simone de Beauvoir vai escrever *O segundo sexo*, por que ela vai escrever? Porque... Aquela ideia dela de que nós somos... Temos liberdade, mas somos... liberdade situada. Então ela fala... [Inaudível] fala: “O que é ser...?” Ela fala assim: “A questão não é o que é uma mulher; a questão é o que é ser mulher aqui nessa sociedade”. E eu acho que essa questão que... Eu acho que, digamos, o feminismo contemporâneo começa com essa questão. Não é onda. Tem um corte. De Simone de Beauvoir para cá, estamos na mesma. A gente não saiu dessa questão.

C.C. – Tem uma pergunta que eu sempre faço para as pessoas, desde o início desse projeto, que é pedir para destacarem um livro que marcou muito, que é uma coisa fundamental.

---

<sup>10</sup> *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917 – 1937)*, de Gláucia Cristina Candian Fraccaro.

M.M. – Agora, levando em consideração que toda... estamos situados... Nessa atual situação, eu vou dizer a Simone de Beauvoir. Podia dizer o Marx também, que era até, em certo sentido... Freud...

C.C. – Estava chegando na hora de fazer a pergunta e você fala de *O segundo sexo*...

M.M. – Porque é gozado. Na verdade, a Simone, o que me marcou muito foi tudo que ela escreveu... Nós tivemos muita sorte, as brasileiras. Porque, como em 1961 a Simone e o Sartre estiveram aqui, o Brasil traduziu a Simone de Beauvoir. Sergio Milliet, que... É uma tradução maravilhosa! Os americanos leem a Simone de Beauvoir traduzida por um biólogo. Dizem que é um massacre. Tanto é que estão reescrevendo... Eles estão... Então, os Estados Unidos nunca... Em língua inglesa, nunca se leu bem. Só leu bem quem lia em francês. Mas eu li em português. E li um outro livro dela, que esse me fez mais a cabeça, que se chama *Todos os homens são mortais*, que é lindo. Então, essa ideia de que... Até... Ela diz assim: “Nós temos essa dupla...”. É tudo muito ambíguo, porque, de um lado, nós sabemos, que nós temos uma coisa finita, mas a humanidade, o fato de ter... Antes de a gente continuar... Porque ela diz: “Nós não sabemos se a humanidade é eterna. Pode ser que seja”. Então, esse coletivo tem persistência, mas nós temos uma vida curta. Então, essa vida é essa que eu vivo, e essa vida, eu estou numa certa situação, num certo contexto, numa certa história, tenho as relações com as pessoas e tenho uma relação com meu próprio corpo. Então, entre esse conceito de liberdade situada, ou a ideia da situação em que cada um está e essa baboseira de interseccionalidade... Você precisa disso? Você tem isso na Simone de Beauvoir. Então, eu acho... Mas a Simone, é engraçado... Há três ou quatro anos atrás, eu comecei a orientar uma tese sobre a Simone de Beauvoir, e a minha Simone era muito... Algumas partes... Porque eu não sou filósofa, e a Simone que está mais em voga hoje é a Simone filósofa. Tem trabalhos incríveis. E aí eu comecei acompanhando a tese... A gente sempre aprende com os alunos, não é? Essa aluna é brilhante, escreve maravilhosamente bem, foi uma... Eu aprendi muito. E fui me apaixonando por essa Simone que eu não conhecia direito.

C.C. – Você leu quando, *O segundo sexo*?

M.M. – *O segundo sexo*? O meu livro – eu tenho o livro até hoje – é de 1963. Primeiro eu li *Todos os homens são mortais*; depois que eu li... Gostei muito, aí o Norberto me deu *O segundo sexo*, em 1963. Eu já não era... Eu já tinha 20 anos.

C.C. – E na época te marcou já, na primeira leitura?

M.M. – Eu estou fazendo um dossiê para uma revista do Pagu, um dossiê sobre a Simone de Beauvoir. Já está pronto. Está passando tudo agora no SciELO, aquela história, fazendo a avaliação. Tem ao menos quatro depoimentos... Tem muita coisa de filosofia, das mais jovens, mas as mulheres da minha idade ou dez anos mais moças, todas começam... Tem uma [argentina]<sup>11</sup> que começa assim: “Todas *nosotras* queríamos ser a Simone de Beauvoir”. A Carmen Barroso escreveu um artigo também superinteressante. Ela fala: “Tem duas mulheres que eu devo a minha cabeça, Simone de Beauvoir e Carmen da Silva”. De fato, a Carmen da Silva teve um grande papel. Ela tinha uma coluna na *Claudia* que era “A arte de ser mulher”. Em 1960 e poucos, aquilo era uma novidade. Então, a minha geração inteira... E quando você pega... Estou lendo agora a introdução da... Como é que foram introduzidos os estudos de mulher? Você vai pegando, todas elas – Michelle Perrot, na França; Hobsbawm, na Inglaterra; [as americanas]<sup>12</sup> –, todas falam: Simone de Beauvoir. Até por conta... O que a Simone fez com *O segundo sexo* foi isso. O que é o livro? O que é ser mulher num mundo dominado pelos homens. O que explicaria essa situação do segundo sexo, daquela que não se define por si, mas se define como proposição ao outro? Então, no primeiro tomo, ela vai estudar... Será que a biologia responde? Ela mostra que não. Será que isso responde? Será que a psicanálise...? Não. Então, não é por aí. No segundo tomo é que ela fala da experiência vivida. Quer dizer, aquilo foi... E ela fez isso o tempo todo. Ela vivia de acordo com as concepções de liberdade dela, de busca, de desenvolvimento, escrevia... Ela vivia... É de uma coerência absurda. E a coisa da vivência, aquela coisa dos diários – eu adorava os diários dela –, milhares de diários, com detalhes e tal. Estou relendo alguns agora. O último é muito bonito, *Todas as contas feitas... Balanço Final*, em português – *Tout compte fait, Balanço Final* –, que é muito interessante, é muito bonito. Esse vale a pena, porque ela faz uma síntese e ela diz assim: “Eu acordo...” Ela está com 70 e tantos anos. “Eu acordo, olho em volta, é tudo estranho, eu me pergunto por que

---

<sup>11</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.

<sup>12</sup> O mais próximo que foi possível ouvir.

eu, por que essa vida?” Então ela fala: “Algumas coisas é puro acaso, e outras não, eu busquei”. E ela vai lembrando... É muito incrível. Porque é isso, a vida da gente tem escolhas e tem o acaso, porque você cruza com fulano... Ela fala que com o Sartre ia dar certo, “tinha de ser, porque a primeira vez que a gente se viu, ele correspondia a todos aqueles meus anseios de companheirismo e de troca e tal”. Então eu acho que essa questão da vivência – você está perguntando por que as coisas me... Porque, no fundo, eu escrevi muito mais de temas que me dizem respeito, sem sombra de dúvida, por causa disso, da empatia do tema e porque de alguma maneira eu tinha uma referência. Quando eu escrevi de criança, a questão da reparação [inaudível], eu tinha uma referência da minha infância e da minha filha. Então, essa questão da mulher, o que é ser mulher, a minha referência... Eu sou um tipo de mulher. Que nem eu falei para você, eu até achava que as mulheres tinham um privilégio, até um certo tempo. Mas não é bem assim. Agora, tem outras, tem outras histórias. Então, eu acho que tem uma... a coisa da empatia pelo tema, que é muito forte. E é isso que deixa a gente apaixonada pelo tema. Eu adoro estudar. Eu sempre gostei de estudar. Eu tenho uma curiosidade... Mas isso complica. Porque, por exemplo, se eu estou lendo um livro, a Glaucia, aí ela cita não sei o quê. Aí eu falo... Aí às vezes tem na internet; às vezes eu vou precisar comprar o livro. Aí não tem, preciso comprar no sebo. E aí você vai vendo que bela pesquisa que essa moça fez. Nossa! Que trabalho lindo! Depois descobri que ela tinha feito isso na Unicamp, com o Cláudio Batalha, e que ela hoje está... Não sei se está na Unifesp, não sei o que é. Mas que trabalho, viu? Hoje já tem muito... Você tem muito material hoje. E com relação à mulher, acho que tem uma coisa interessante, que é a seguinte... Veja, amanhã, eu vou participar de uma mesa que o tema é esse, as pioneiras da... o que trouxe para a sociologia. E é interessante, porque, se você vê... Você tem duas vertentes. Primeiro, acho que tinha uma questão do feminismo, que era fazer ver a mulher que estava lá. E eu acho que o livro da Glaucia é incrível porque a capa é uma famosa greve, a primeira greve geral que teve, em 1917, no Cotonificio Crespi, que as mulheres que começaram. Mas ninguém fala isso. Ninguém fala disso. E quando você pega a capa, você vê muita mulher e muita criança. E aí todo mundo fala “os operários”. Ninguém fala... Mulheres e crianças. A [inaudível] eram mulheres e crianças, basicamente. Então, a primeira coisa é dizer: “Olha, estavam lá. É que vocês não nomeiam. Ficam invisíveis”. Essa é uma primeira. E a segunda – a Simone faz um pouco disso com relação à questão da biologia – é mostrar como a forma de captar dados já é tendenciosa. É o famoso que as mulheres não trabalham. Como não trabalha? O trabalho do campo e o trabalho familiar. Isso aí, eu acho que o Paul



Singer e a Felícia Madeira... A Felícia Madeira teve um papel importantíssimo em mudar a questão das estatísticas. Então, se você me perguntar... Eu acho que o feminismo introduziu temas novos, perspectivas novas e uma visão crítica, também, que é superimportante, como o empurrão que deu. E é engraçado, porque... Bom, isso aí já é uma longa discussão, porque essa questão de que à hora que você começa a falar do gênero, você perde um pouco a perspectiva da questão de que as mulheres são oprimidas. O gênero, em certo sentido, tem uma abstração. E as pessoas leram mal a Butler. As pessoas só leram um livro da Butler. Você conhece a famosa história da Butler sobre o queer? A Butler estourou com a teoria queer, e ela conta numa entrevista... É hilário. Ela conta: “Pois é, eu não sabia o que era queer. Porque me chamaram para uma conferência e falaram assim, ‘você é a grande coisa da coisa queer’” Ela perguntou: “O que é queer?”. Você lê qualquer coisa que ela fala... Tudo que ela fala... Primeiro, já tem o problema da tradução do *gender*. Porque uma coisa é o termo em inglês, que já dizia isso. Para você adaptar para a língua latina é muito confuso, parece que é uma outra coisa. E segundo, que ela fala o seguinte: em última instância, o gênero é o sexo. Porque, veja bem, você pode oscilar o tipo de sexualidade que você quiser, o que você quiser, mas quando começa a questão de como é que você se apresenta... Eu acho interessante... Por exemplo, eu acho interessante que 99% dos trans mulheres, quer dizer, que passam... elas são modelo Melania Trump. É uma coisa... Eu acho completamente... a coisa da peruagem e tal. É uma imagem de mulher que a mim não me agrada, por exemplo. Eu não sou essa mulher. Então é claro que tem um estereótipo aí. E essa ideia de que identidade você pega – como se estivesse trocando de roupa – é muito complicado, também. Então eu acho assim, que essas teorias todas que passam por cima e não veem a questão da subjetividade... É menos identidade e mais subjetividade. Então você vê cada absurdo que não... E aí outros que usam o gênero como homem e mulher simplesmente, o gênero feminino e o gênero masculino. No fundo é isso. Então eu acho que essa... quando ela fala do problema que tem... Porque de fato é instável. A categoria mulher o que é? É uma categoria instável. Nós, feministas... A coisa do gênero surge por quê? Porque a gente quer dizer: “Olha, essa ideia de que mulher necessariamente é o seu ovário, é mãe, é isso e tal, isso é cultural. Outras sociedades pensam diferente. Vamos dar espaço para outras formas de... Sem repressões”. Mas, de qualquer maneira, algum tipo de identidade você tem. Quer dizer, você... Você vai ser...? O que faz? Faz um negócio que não é nem isso nem aquilo? A gente se identifica com os modelos que estão aí. Isso é muito forte. É muito forte, essa questão da... homem e mulher é assim, põe isso, põe aquilo e tal. Então, para

you desconstruct this, I think that you do not have to desconstruct by appearance, you have to desconstruct by education, by giving a chance... I live saying to my granddaughters: "Women dance, they are angry, because of the excess of romanticism". People are educated to find the enchanted prince, for the sake of love. No man that I know... Can be passionate and such, but they have an objective that is work. Simone de Beauvoir said this, and it is true. And today, every time more women [center] their life in work. The best thing in the world is you have a project, realize this project and dedicate to it. The old Ford already said this, didn't he? That which gives you the spirit to continue is this connection with work, because the rest of everything can [bring?] a lot of suffering. Work, you are there, you advance, you are there, you concentrate. Simone insisted on the question of education. And she has all the reason. I think that you have to have a type of education that opens possibilities, otherwise you will advance very little. Think of everything that advanced, from the moment when women could be doctors, could be this, could be that, as it is advancing. Today, the force of work, at least for those who pay less to women... You know this, that women are... Men are leaving the force of work and women are occupying this place. Today, in Brazil, there is more woman employed than man, proportionally. Then, of what we are talking about now... And I think that here... There is a very interesting study, of an American called Nancy Chodorow, that she calls motherhood, a fundamental difference in the question of caring. Men are not socialized to care. And when they are, they are excellent caregivers. In Europe, for example, in countries [incredible], where men really share things, they are great caregivers, just as much as women. Then, really, education is fundamental. And when people start... they take a crazy one that says: "In my... boy wears blue and girl wears pink".

C.C. – E quando essa é a ministra, não é?

M.M. – Ministra. Meu Deus! Até onde vamos? Até onde vamos retroceder? É um delírio, não é? Não é por aí. E a Simone, só para terminar do meu amor por ela, a Simone começa falando que ninguém nasce mulher, constrói-se. Você sabe que isso, quem falou foi Erasmo de Rotterdam. O Erasmo de Rotterdam tem um artigo... Artigo não. Ele não escreveu um artigo; ele escreveu um tratado, chama-se *De pueris*, em que ele fala que as crianças não nascem prontas, que elas são educadas... A coisa da cultura, disso e daquilo. E a Simone só parafraseou. Mas a Simone acaba o segundo tomo de *O segundo sexo* falando... Até é engraçado, porque eu

também fiz esse mesmo erro. Eu li no Marx essas frases, que eu sempre citei como se fosse do Marx, que a relação entre homem e mulher, que é a mais básica, a situação da mulher é indicativa do grau de civilização que a humanidade chegou. Eu achei... Eu li isso no Marx... E a Simone também cita como se fosse do Marx. Não é que eu fui ler o Charles Fourier e quem fala isso é o Charles Fourier? E a Alexandra Kollontai cita o Fourier, e não o... Então você veja tudo que os socialistas [**ditos utópicos**] também trouxeram, essa compreensão de que, se somos parte da humanidade, é a nossa relação entre homens e mulheres... no dia que ela for de boa qualidade, for igualitária, nós estamos num mundo civilizado. Aí você pega a Arábia Saudita e vê que o Brasil, na ONU, agora, está lá junto com a Arábia Saudita. E aí você vê que temos um longo caminho para frente e que é uma bobagem essa coisa de onda. [riso] Nós estamos... Ainda se fosse a onda sempre para frente, não é? É impressionante! As pessoas acham que não tem recuo na história. Parece que é para... é a marcha permanente. As pessoas estão imbuídas do ordem e progresso. Na medida que não. A humanidade caminha. É. Para onde? Para o abismo, não é? Para onde? Dá uma olhada no que está acontecendo agora: os recursos de água estão acabando, nós já esgotamos todos... Tudo bem, vamos então para a Lua, sei lá para onde. Não, mas não tem aquecimento global. Não? Ah, bom. Quarenta e cinco graus na França! Ah, bom. Aí, quando esfria, o Trump diz: “Está vendo, não tem aquecimento global, está frio”. É fabuloso, o raciocínio, não é?

C.C. – Mas as ondas passam.

M.M. – Pelo amor de Deus! É só essa questão de que... Se você pegar como é que a direita avançou, ela avançou de várias maneiras, e uma das maneiras foi essa de matar a ideia de utopia, matar a ideia de possibilidade de transformação. Foram várias as formas, não é? É porque as pessoas não têm mais nenhuma... Tem uma coisa de um... Vamos dizer... “É isso aí. Não tem jeito.” Essa ideia de que não tem jeito, não há o que fazer, o mundo sempre foi assim, essa é a pior de todas as... Acho que o pior de todos os resultados é esse. Você não pode desanimar, não é? Sim, eu sou pessimista, mas eu não desisto. Eu voltei a dar... Vou voltar... Estou voltando... Fui contratada agora para a Unifesp de Santos, para trabalhar na pós-graduação. Vamos lá! Vamos dar aula!

C.C. – Está ótimo. Bom, Maria Lygia...

M.M. – Eu, quando começo a falar...

C.C. – Está ótimo. Muito obrigado. Foi um prazer ouvi-la.

M.M. – Imagine! Foi um prazer.

C.C. – Obrigado, mais uma vez, por colaborar com o nosso projeto.

M.M. – Não, o projeto é seríssimo.

C.C. – Obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]